



ABRIGOS em movimento

1

HISTÓRIA DE VIDA: IDENTIDADE E PROTEÇÃO

a história de martim e seus irmãos



HISTÓRIA DE VIDA: IDENTIDADE E PROTEÇÃO

a história de Martim e seus irmãos

SDH – Secretaria de Direitos Humanos
Esplanada dos Ministérios, Bloco T, sala 420
Edifício Sede do Ministério da Justiça
CEP – 70064-900
Brasília, DF

Copyright © 2010 - Secretaria de Direitos Humanos – SDH

A reprodução do todo ou parte deste documento é permitida somente para fins não lucrativos e com a autorização prévia e formal da SDH/PR.

Conteúdo disponível também no site da SDH www.direitoshumanos.gov.br

Tiragem desta edição: 4.000 exemplares impressos
Impresso no Brasil
1ª edição: 2010

“O conteúdo da obra é de responsabilidade exclusiva dos autores”.

Distribuição gratuita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

História de vida : identidade e proteção : a história de Martim e seus irmãos / [coordenação a publicação Bruna Elage]. -- 1. ed. -- São Paulo : Associação Fazendo História : NECA - Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, 2010. -- (Coleção abrigos em movimento)

ISBN 978-85-63512-01-7

1. Abrigos 2. Crianças e adolescentes - Cuidados institucionais 3. Estatuto da Criança e do Adolescente 4. Histórias de vida 5. Identidade (Psicologia) 6. Instituto Fazendo História 7. Projeto Fazendo Minha História 8. Psicologia social I. Elage, Bruna. II. Série.

10-01576

CDD-362.732

Índices para catálogo sistemático:

1. Crianças e adolescentes abrigadas em instituições : Histórias de vida : Bem-estar social 362.732

HISTÓRIA DE VIDA: IDENTIDADE E PROTEÇÃO
a história de Martim e seus irmãos

CRÉDITOS

Coordenação da publicação

Bruna Elage

Consultoria técnica

Maria de Lourdes Trassi Teixeira

Pesquisa e elaboração da história

Mahyra Costivelli

Produção de textos

Bruna Elage

Isabel Sampaio Penteado

Mahyra Costivelli

Maria de Lourdes Trassi Teixeira

Renata Carolo Nepomuceno

Revisão de texto

Christiane Maria Tieko Kokubo

Renata Lopes Costa Prado

Edição

Ricardo Prado

Fotografia

Luciano Munhoz - fotografia dos álbuns

Daniela Savastano - p. 8

Ilustrações

Crianças do Abrigo

Gil Soares de Mello

Maria Soares de Mello

Projeto gráfico e diagramação

Fonte Design

Agradecimentos

Cláudia Vidigal, Clarissa de Toledo Temer,

Lola Knoploch Cuperman, Renata Marmelsztejn e

Maira Susi Bertanha

(do Instituto Fazendo História)

*Em especial aos técnicos, aos educadores
e às crianças do abrigo em que Martim
e seus irmãos estão.*



sumário

08 introdução

capítulo 1

11 **Tudo começa em casa?**

13 Texto para reflexão: A singularidade das histórias de vida

capítulo 2

21 **A cena vista da janela**

22 Texto para reflexão: Ruptura e separação

capítulo 3

29 **O desconhecido pode (não) ser assustador**

31 Texto para Reflexão: Recepção e acolhimento – os primeiros momentos no abrigo

capítulo 4

41 **Uma nova realidade**

43 Texto para reflexão: A história que se constrói no cotidiano

capítulo 5

53 **Por que é difícil saber?**

61 Texto para reflexão: O brincar

67 Texto para reflexão: Outras histórias – os livros

capítulo 6

73 **O passado invade o presente**

76 Texto para reflexão: Registro das histórias

capítulo 7

87 **Caminhos possíveis**

90 Texto para reflexão: E o futuro?

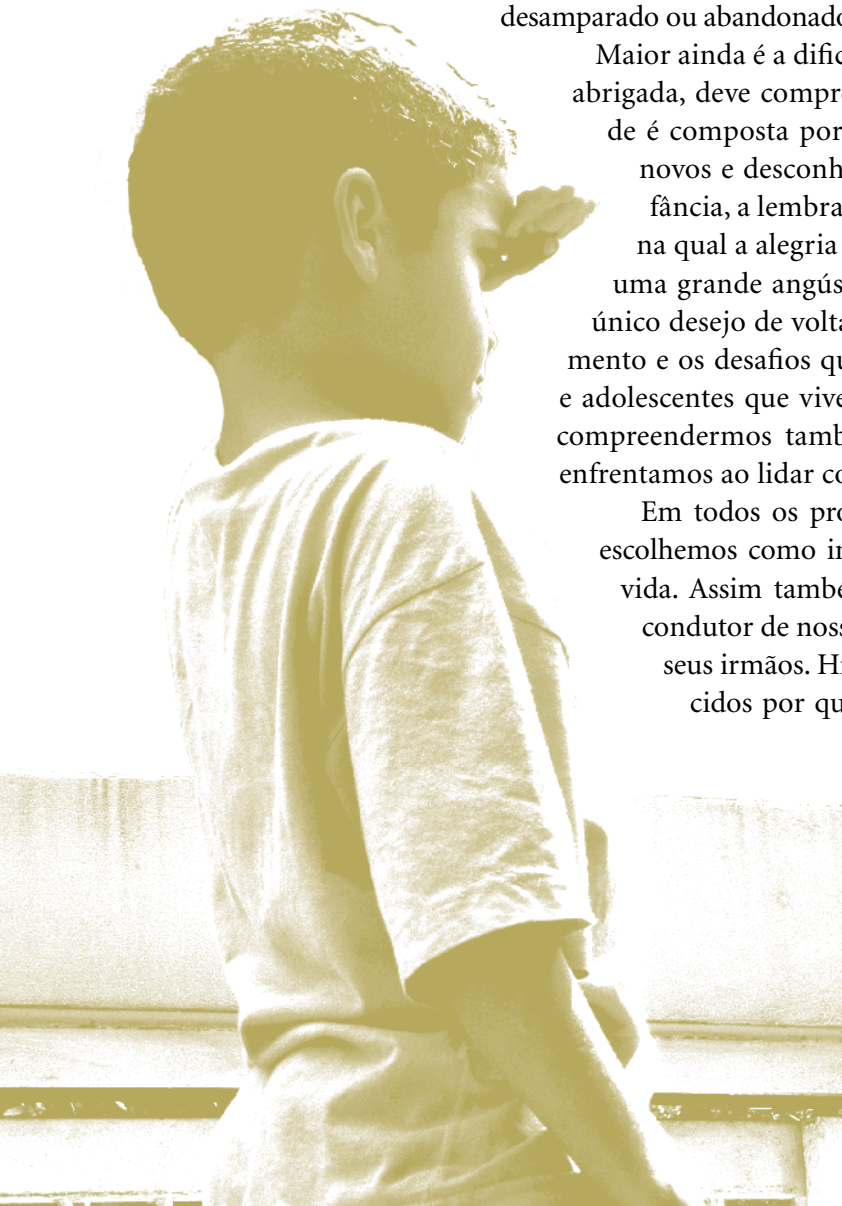
introdução

Acolher crianças e adolescentes em um abrigo não é tarefa simples. A complexidade é tamanha que, às vezes, parece impossível. Como cuidar e educar sem reproduzir um modelo familiar? Como lidar com origens, histórias e dificuldades tão diversas, trazidas por aquela criança, em um cotidiano marcado por ritmo coletivo? Como atender a tantas demandas que o trabalho com essas crianças e adolescentes apresenta? Questões como estas emergiram ao longo de anos de trabalho do *Instituto Fazendo História* em abrigos para crianças e adolescentes.

As dificuldades que técnicos, educadores e todos os envolvidos no trabalho com crianças e adolescentes em abrigos encontram não são poucas. Além das questões práticas do cotidiano, existem também as mais sutis. A convivência com essas crianças e adolescentes que tiveram seus direitos violados mobiliza em todos nós o contato com aquilo que nos parece mais assustador: a experiência de sentir desamparado ou abandonado por quem mais amamos e confiamos.

Maior ainda é a dificuldade sentida pela criança que, ao ser abrigada, deve compreender e aceitar que sua nova realidade é composta por pessoas, lugares e hábitos totalmente novos e desconhecidos. Todos nós temos, da nossa infância, a lembrança de uma noite na casa de um amigo na qual a alegria causada pelo novo transformou-se em uma grande angústia diante do desconhecido gerando o único desejo de voltar para casa. Considerar esse estranhamento e os desafios que devem ser enfrentados por crianças e adolescentes que vivem em um abrigo é fundamental para compreendermos também as dificuldades que nós, adultos, enfrentamos ao lidar com ela.

Em todos os programas do *Instituto Fazendo História*, escolhemos como instrumento de trabalho as histórias de vida. Assim também foi elaborado este caderno. O eixo condutor de nossas reflexões será a história de Martim e seus irmãos. História com elementos e enredos conhecidos por quem participa da realidade dos abrigos: dificuldades econômicas, alcoolismo, violência, ausência de planejamento familiar e a ambiguidade de pais e familiares em relação às crianças e aos adolescentes.



Qual a razão dessa escolha? Para que insistir em falar e ouvir a respeito de fatos tão tristes e dolorosos? Não seria melhor esquecê-los? A questão é que uma história vivida não se esquece. Especialmente aquela dos primeiros anos de vida, com as nossas primeiras figuras de afeto. Querendo ou não, essas experiências nos marcam, nos constituem e nos determinam. É importante incentivarmos e respeitarmos as histórias que as crianças e os adolescentes trazem consigo, assim como as novas situações vivenciadas atualmente no abrigo.

Acreditamos que o respeito à história e o direito à verdade são a base para o trabalho com crianças e adolescentes que vivem em abrigos. Tão ou mais importante do que matriculá-los na escola e na capoeira, levá-los ao médico ou para passear, é poder lhes dizer por que estão no abrigo, e qual a relação que poderão ter com sua família (ou substitutos) a partir daquele momento. É se interessar por suas recordações, saudades e hábitos, conferindo a estes valor e propiciando à criança ou ao adolescente um espaço de acolhimento verdadeiro.

Todos sabemos que o bom médico é aquele que tem uma longa conversa com seu paciente, mostrando interesse em cada detalhe ou singularidade, a fim de compreender o seu sintoma e, a partir dessa compreensão, diagnosticar a doença. Melhor ele será se, na consulta seguinte, explicar de forma clara e sem rodeios o resultado dos exames e como será o tratamento. O melhor amigo é aquele que interrompe o que está fazendo, para ouvir nosso relato detalhado de um fato qualquer, só porque é de grande importância para nós. Os livros e filmes mais comoventes são os que têm, como pano de fundo, uma época ou acontecimento histórico, mas privilegiam a história de um personagem mostrando com profundidade seu trajeto, seus sentimentos e as transformações vividas.

O que aprendemos com a nossa prática e gostaríamos de compartilhar aqui com esta publicação é que a tarefa de abrigar crianças e adolescentes pode ser complexa, mas o caminho para fazê-la com qualidade talvez seja mais simples do que podemos supor. Trata-se de planejar o cotidiano, criar ações e intervenções institucionais com olhar delicado, humano e cuidadoso sobre cada um deles. Para isso, é preciso resgatar o interesse genuíno pelo outro e, sobretudo, o respeito por aquilo que ele nos traz de diferente. Sendo acolhidos dessa maneira, a criança e o adolescente do abrigo podem criar ou recuperar sua confiança no mundo e em si mesmos, tornando-se autores de uma história na qual a violência e o abandono perdem seu lugar para projetos de vida apoiados em vínculos seguros e saudáveis.

Clarissa de Toledo Temer
Fundadora do Instituto Fazendo História



capítulo 1

TUDO COMEÇA EM CASA?

Martim nasceu no dia 29 de maio de 2003, oitavo filho de Adônis e Madalena¹. A irmã mais velha, Magda, tinha na época de seu nascimento 8 anos, seguida de Peter (7), Cindy (6), Denis (5), Robert (4), Michel (2) e Estefany (1).

O pai de Martim, Adônis, então com 33 anos, era um homem de estatura baixa, olhos grandes, sorriso bonito, bem arrumado, que fumava e tomava café várias vezes ao dia. Membro de uma família de 14 irmãos, já tinha um filho de um relacionamento anterior quando conheceu Madalena na escola. Madalena, que era quatro anos mais nova que Adônis, engravidou pouco tempo depois que os dois decidiram morar juntos.

Após o nascimento de Magda, o casal foi ao interior de São Paulo visitar os parentes de Madalena. Adônis resolveu que voltaria sozinho à capital, deixando a esposa e a filha. Contrária à decisão do marido, Madalena disse que tinha uma consulta médica no Posto de Saúde e partiu atrás de Adônis, confiando a filha aos cuidados da avó e da tia. Um mês depois, já grávida do segundo filho, retornou ao interior para buscar a filha.

As seguidas gestações foram muito difíceis para Madalena, que passava “muito nervoso”, pois Adônis “ficava ignorante” e, com frequência, agredia a mulher e os filhos. Sem emprego fixo, o marido vivia de bicos e, como não aceitava qualquer tipo de ocupação, ficava desempregado por longos períodos.

Madalena vinha de uma família de sete irmãos, sendo que “os três homens morreram envolvidos com drogas e conflitos entre eles”. Quando o caçula Martim nasceu, ela não tinha emprego fixo e ganhava a vida recolhendo sucata, vendendo “geladinho” ou fazendo algum serviço temporário. Além disso, havia feito um cadastro na igreja para receber cesta básica e leite para os filhos. Na ausência da mãe, as crianças ficavam com a tia e a avó.

Muitas vezes, nas situações de maior dificuldade, recorria a seus pais, Matilde e Agenor, que também haviam se mudado para São Paulo. Sempre que ela os procurava, recebia apoio. Muitas vezes, quando faltava comida, era Matilde quem fornecia à família os mantimentos básicos. Agenor, alcoolista, agora conseguia controlar mais sua agressividade, mas continuava bebendo bastante.

¹ Todos os nomes desta história são fictícios. Os dados foram coletados em processo na Vara da Infância e Juventude, no prontuário das crianças no abrigo, em registros de atividades, em entrevistas com a equipe técnica e educadores do abrigo e em conversas com as crianças.

Martim e sua irmã mais nova, Estefany, ficavam bastante tempo na companhia da mãe e da avó materna, que também recolhia sucata, latinhas de alumínio e caixas de papelão. Os outros seis filhos passavam mais tempo na rua brincando com os amigos de esconde-esconde, empinar pipa, pular corda e pega-pega². As brincadeiras continuavam com Capitu, a cachorra de Peter. Aos domingos, a família tinha o hábito de se reunir para frequentar a Igreja Universal.

Magda, Peter e Cindy, os três filhos mais velhos, estavam matriculados na escola, mas faltavam constantemente. Nenhum dos irmãos tinha horário certo para chegar ou sair. Podiam ficar fora de casa até o amanhecer ou passar tardes inteiras dormindo. Quando não havia comida, os irmãos costumavam ir à feira pedir alimentos ou acabavam revirando o lixo. O pai mandava que pedissem dinheiro e ficava com o que as crianças conseguiam.

Magda, a filha mais velha, também assumia a responsabilidade de tomar conta dos irmãos, além de ajudar a mãe e a avó a catar latinha e papelão pelas ruas. Levava e buscava as crianças na escola e cozinhava quando havia alimentos em casa. Magda sabia fazer arroz doce e café.

A família morava em uma “casa amarela” com um “portão bem grande” feito por Adônis. Localizada em um terreno de usucapião ocupado por parentes, dividia espaço com mais quatro casas iguais, todas com dois quartos, um banheiro e uma cozinha junto à sala. A energia e a água chegavam por meio de instalações clandestinas, os chamados “gatos.”

Sobre um colchão de casal estendido no chão de um dos cômodos, dormiam quatro filhos. Os demais dividiam um beliche no mesmo quarto. Geralmente, todos tomavam banho antes de deitar, e, não raro, faziam xixi na cama durante a noite. Havia ratos, baratas e “um monte de sapatos jogados” pela casa.

Uma parte da casa, apelidada pelas crianças de “quadrado”, foi derrubada para dar lugar a uma lojinha que Adônis e Madalena planejavam construir, a fim de aumentar os rendimentos. Durante a reforma, a família mudou-se para a casa de Matilde (avó materna), que já acolhia um outro neto de 20 anos, alcoolista. A partir daí, a casa alugada de três cômodos passou a abrigar treze pessoas.

As brigas entre Adônis e Madalena continuavam. Numa delas, o marido agrediu a mulher com um pedaço de pau, quebrando seus dentes, e trancou-a em um dos cômodos da casa. Madalena, depois de muita insistência da mãe e da irmã, denunciou a agressão do marido na Delegacia da Mulher. 🍀



texto para reflexão

A SINGULARIDADE DAS HISTÓRIAS DE VIDA

“*Os primeiros anos de vida são como uma partida de xadrez. Enquanto não vem o xeque-mate, ainda há belas jogadas a serem feitas.*”
Anna Freud, psicanalista austríaca.

A história de cada um começa antes mesmo de seu nascimento. Os pais, antes de a criança vir ao mundo, têm muitas expectativas e sentimentos positivos, e, também, negativos, em relação à gravidez, ao nascimento e ao que acontecerá depois.

Essas ideias e sentimentos são indícios do lugar que a criança poderá ocupar nesse grupo, a sua família. Por isso, muitas vezes, para compreender a conduta da criança no presente, começamos por perguntar aos pais se a gravidez foi desejada ou não, se foi planejada ou não, a forma como foi conduzida (pré-natal e outros cuidados, como a alimentação), os pensamentos e referências à criança anteriores ao nascimento, o motivo do nome escolhido etc. A história de cada um – mesmo em um grupo de irmãos – é única e singular. Faz muita diferença ser o primeiro filho, o caçula, ser menino ou menina, nascer quando os pais estão empregados ou desempregados, quando estão enamorados ou quando passam por dificuldades de relacionamento.

Tudo isso e outros acontecimentos significativos constroem o lugar que essa criança irá ocupar na família e, posteriormente, no mundo; ou seja, sua história já está se construindo. Essa história se constitui como memória inscrita, mesmo que em “letras invisíveis”, no seu modo de ser, de pensar e sentir que, com frequência, nos parece enigmático, difícil de compreender.

A importância do adulto fica evidente e permanece porque a criança, em função das características da espécie humana, é totalmente dependente dele para sobreviver física e psicologicamente. Ela necessita de cuidados básicos – alimentação, higiene, saúde – e investimento afetivo. Este último acontece na medida em que a criança é importante para alguém – a mãe ou seu substituto. As manifestações da criança (choro, sons, movimentos corporais) são percebidas pelo adulto, havendo uma tentativa de compreendê-las, dar significado a elas e atender às suas neces-

3 Identidade: é a forma como cada um se apresenta ao mundo e se reconhece como um ser único, diferente de todos; um processo de construção vivido ao longo de toda a vida nas esferas individual e coletiva. Este processo se constitui a partir de relações interpessoais, do contato com o Outro, que percebe a singularidade do sujeito e o auxilia a construí-la e a reconstruí-la por meio de processos de identificação.

4 Em nossa cultura, essas primeiras experiências são vividas no grupo familiar e, em alguns casos, em instituições, como hospitais e abrigos.

sidades. É assim que se estabelece um vínculo significativo: a partir do olhar e da escuta desse alguém para quem a criança importa e que faz parte de sua vida.

É este mesmo adulto, na vinculação afetiva com a criança, que irá nomear suas vivências (de satisfação, prazer ou insatisfação) e os acontecimentos do mundo ao seu redor. Antes do pronunciar as primeiras palavras, a criança apresenta um complexo sistema de comunicação que envolve expressão corporal, movimentos, gestos, olhares e choros – tudo aquilo que o adulto tenta decodificar para compreendê-la.

É, portanto, a partir do olhar e da palavra do adulto significativo que essa criança pensa sobre si, compreende o que ocorre com ela, atribui sentido aos acontecimentos do mundo e vai construindo sua **identidade**³.

A fase inicial de vida, em que a criança não se diferencia em relação ao mundo, não percebe a existência de um Outro e do contexto à sua volta, é substituída por outra baseada na sua relação com a mãe⁴ ou com quem assume essa função. A fase seguinte da vida da criança é marcada por suas descobertas: aquilo que pode fazer, o que lhe dá prazer ou causa dor, as diferentes reações e possibilidades de seu corpo.

Modelos de Conduta

5 Identificação: processo pelo qual um sujeito assimila aspectos de outro e se transforma, total ou parcialmente, por meio dessa relação. A identidade constitui-se em uma série de identificações.

6 Esta situação pode, inclusive, configurar-se como trabalho doméstico infantil, que corresponde ao trabalho realizado por menores de 15 anos na própria casa ou na casa de outra(s) pessoa(s), podendo ser remunerado ou não. Pode interferir gravemente no desenvolvimento da criança, muitas vezes violando seus direitos, interrompendo ou prejudicando o desenvolvimento na fase de aprendizagem e crescimento em que se encontra, sujeitando-a à desproteção e tornando-a vulnerável. É impulsionado por motivos de ordem econômica (pobreza, miséria), sendo, em alguns casos, receita para a subsistência familiar. Fonte – www.oitbrasil.org.br

Com o crescimento físico e o desenvolvimento psicológico, a criança ganha mais autonomia. Uma mudança importante ocorre com a aquisição da linguagem, entre o primeiro e o segundo ano de vida, abrindo a possibilidade de uma nova forma de se relacionar consigo, com os outros e com o mundo. Depois da aquisição da linguagem, a criança consegue expressar e compartilhar verbalmente seus pensamentos e sentimentos; ou seja, seu processo de troca com os adultos e com seus iguais (as outras crianças) se amplia e se intensifica significativamente.

A importância dos adultos permanece ao longo de seu desenvolvimento porque eles são modelos de conduta, de como se comportar diante das mais diferentes situações e na relação com os objetos e com os outros; são figuras de referência significativas para a criança, referência para a construção de sua identidade. Tudo isso se ancora no vínculo construído pelos cuidados que, para a criança, tem um valor afetivo.

Com a capacidade da linguagem desenvolvida, além dos adultos, as relações com as outras crianças também desempenham funções importantes no processo de formação da criança. A interação com irmãos e com outras crianças se torna importante em seu cotidiano, quando se abrem possibilidades de imitação de comportamentos ou de **identificação**⁵.

A relação fraterna pode implicar, em muitas famílias, dependendo de suas condições objetivas de vida, uma relação de cuidado entre as crianças que, em muitos casos, compensa ou encobre a ausência dos adultos⁶.



“Eu cuidava de mim e às vezes cuidava dos meus irmãos também, quando minha mãe tinha que sair pra arranjar comida. Porque muitas vezes a gente não tinha o que comer... Eu fazia arroz doce e café para os meus irmãos, quando eles estavam com fome” Magda, 13 anos.

A criança cresce e seu processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional continua – estimulado por suas vivências e beneficiado por elas ou não. Seu universo de experiências se amplia, ela começa a pertencer e a interagir com outros grupos fora da família, como a rua, a creche, a escola ou a casa dos amigos. Os demais adultos com os quais passa a conviver podem tornar-se, também, responsáveis pela garantia das condições necessárias para o seu desenvolvimento saudável e dos direitos relativos à sua infância⁷.

Assim, toda criança e adolescente tem uma história que está inscrita e é, em grande parte, determinada pela história de sua família, de sua comunidade local, do seu país, da sua classe social, do momento histórico em que vive.

Dinâmicas familiares

Ao conhecermos uma criança ou adolescente, de certa forma conhecemos também sua família, seu primeiro espaço de socialização, de formação; o grupo social no qual adquiriu seu repertório inicial de comportamento – hábitos, costumes e modo de lidar com os objetos, com o ambiente físico e com os adultos; é com base nestas referências que construiu suas crenças, sua noção de “certo e errado” ou de “bem e mal.”

Em muitos casos, quando a criança carrega prejuízos em seu desenvolvimento, é difícil não julgar e culpar o núcleo familiar. Essa atitude impede ou dificulta o trabalho com as crianças e a família porque ainda não conhecemos sua estrutura, como ela se organiza para exercer as funções de cuidado e proteção dos seus membros e as circunstâncias históricas e sociais do grupo que produz tais prejuízos.

Atualmente, existem muitas possibilidades de estrutura e organização familiar: famílias chefiadas por mulheres, famílias extensas, famílias homossexuais etc., embora a sociedade ainda valorize o modelo de organização familiar “pai, mãe e prole”. A dinâmica familiar, assim como todos os grupos sociais, é influenciada

7 ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – Art. 4º, É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

8 Violência doméstica contra crianças e adolescentes: "Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e /ou psicológico à vítima – implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, ou seja, uma negação do direito que as crianças e os adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento." Extraído de *Violência doméstica na infância e na adolescência*, de M. A. Azevedo.

9 Fatores de risco: estão relacionados às situações adversas que, quando presentes no seu contexto, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar dificuldades de ordem física, psicológica e social.

pelos acontecimentos do mundo físico (enchentes, moradia em áreas de risco) e social (crise econômica, insegurança social). Esses e outros fenômenos têm repercussão nas histórias familiares, provocando reações e formas singulares de enfrentamento das dificuldades. Nessas circunstâncias, podem acontecer as primeiras experiências de **violência**⁸.

Considerada um fator de risco⁹ social e pessoal, na medida em que produz prejuízos ao desenvolvimento da criança e do adolescente, a violência doméstica está presente em todas as classes sociais, constituindo-se em um dos principais motivos da retirada das crianças e dos adolescentes de suas famílias.

A violência sempre produz prejuízos e, no caso da violência doméstica, as consequências mais ou menos graves dessa experiência dependerão de muitos fatores: o tipo de violência sofrida, o tempo que a criança ou adolescente permaneceu nessa situação, a idade na época em que ocorreram os fatos, o repertório e os recursos emocionais e cognitivos da criança e do adolescente, o modo como os demais adultos lidaram com a situação e com a criança ou o adolescente vítima da violência.

Os estudos da área mostram que muitos adultos, autores de violência contra criança ou adolescente, foram, eles próprios, vítimas de violência na infância e repetem a mesma situação como agressores. Eles aprenderam, com a própria experiência, a mediar suas relações com base em comportamentos cruéis e destrutivos, ou de indiferença diante das necessidades e sofrimento dos outros, no caso das crianças e dos adolescentes.

DESENHO DA MINHA CASA.



Nessa perspectiva, é possível compreender por que a violência doméstica é um fenômeno transgeracional, que se repete ao longo de várias gerações, e só se interrompe com a interdição da lei e/ou tratamento do agressor e da vítima¹⁰. A repetição do fenômeno em sucessivas gerações demonstra que esta prática – a violência – é naturalizada. Por isso também, embora um dos pais ou adulto responsável seja o agressor, com frequência o outro adulto é cúmplice da situação, e a criança ou o adolescente fica largado “à própria sorte”, desprotegido.

O peso da negligência

Na temática da violência doméstica, há uma dificuldade específica para caracterizar a situação de **negligência**, que consiste na omissão injustificada do provimento das necessidades físicas e emocionais indispensáveis para assegurar o desenvolvimento saudável da criança e do adolescente. A negligência ocorre quando a omissão dos pais ou responsáveis não advém das condições reais de vida na qual a família se encontra. Nesse caso, a família – lugar de cuidado, apoio e proteção – coloca em risco o desenvolvimento e a saúde física e emocional da geração mais nova.

Na situação de negligência, é necessário considerar, sempre, a disponibilidade ou não da rede de proteção socioassistencial, no sentido de fornecer retaguarda às famílias em situação de vulnerabilidade¹¹, para exercer suas funções parentais. É importante lembrar que o **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)** prevê que nenhuma criança ou adolescente será retirado da família exclusivamente pela precariedade de sua situação econômica¹².

Se a família não cumpre suas funções de cuidado e proteção dos filhos, a comunidade e o Estado devem suprir essa falha para garantir os direitos da criança e do adolescente, conforme prevê a lei. É nesse contexto que se insere o abrigo como **medida de proteção**¹³: é alternativa para garantir o desenvolvimento saudável dessas crianças e adolescentes, como pessoas-cidadãs.

Em todos os casos, é fundamental conhecer a família, escutar sua história – que se transforma em muitas histórias diferentes dependendo de quem é o membro da família que a conta –, reconhecer seus valores e crenças, identificar seus padrões de relacionamento e o lugar das crianças e dos adolescentes nesse grupo social que revela, também, aspectos próprios da cultura local e de valores da tradição. Trata-se da realização do **difícil exercício de não julgar**, não culpabilizar e, ao mesmo tempo, de verificar o quanto a dinâmica dessa família compromete o desenvolvimento físico e mental da criança e do adolescente e o exercício dos seus direitos. É necessário escutar para compreender a situação como um todo e, sobretudo, acolher a criança em suas necessidades.

Mesmo quando os motivos do abrigamento são graves, por exemplo a violência doméstica, a história-bagagem que a criança ou o adolescente leva para o abrigo não é marcada apenas por experiências negativas. Todas as histórias de vida

10 Art. 130. Verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsável, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum. São medidas aplicáveis aos pais ou responsável:
I – encaminhamento a programa oficial ou comunitário de proteção à família;
II – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos;
III – encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico (...)

11 Vulnerabilidade: condição que produz situação de perigo e/ou prejuízo potencial para o desenvolvimento da criança e do adolescente.

12 ECA – Art. 23. A falta ou carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do poder familiar.

13 ECA – Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nessa Lei forem ameaçados ou violados:

I – por ação ou omissão do Estado;

II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável;

III – em razão de sua conduta.

possuem acontecimentos bons e ruins, momentos felizes e tristes, mais ou menos importantes, que vão sendo registrados na memória, mesmo que não sejam lembrados pela criança e pelo adolescente.

Nessas memórias, lembradas ou não, as pessoas que fizeram parte de sua história são personagens importantes e, também elas, nunca são só boas ou só más, podendo a criança ou o adolescente ter sentimentos ambíguos – de amor e ódio – em relação a elas. O familiar que lhe causou algum prejuízo pode, ao mesmo tempo, ser aquele que lhe contava histórias antes de dormir, que brincava com ela; alguém de quem sente saudades e raiva.

A história pessoal e familiar nos norteia. Compreender os acontecimentos do passado é poder dar sentido para algumas condutas das crianças e adolescentes que funcionam como um sinal ou **sintoma**¹⁴ de que algo importante ocorreu, mesmo que não esteja na lembrança e seja só um fragmento de memória, ou uma marca no corpo. Só assim podemos de fato realizar nosso trabalho, no presente, com aquela criança ou adolescente. 🌱

¹⁴ Sintoma: são manifestações subjetivas, mensagens do organismo apontando que o sujeito não está funcionando em harmonia. Tais mensagens podem ser comportamentos, falas, marcas no corpo que expressam os conflitos vividos pelo sujeito.

Para saber mais

- *A estória do Severino e a história da Severina*. Ciampa, A. C. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8.074 13/07/1990.
- *Família, a base de tudo*. Kaloustian, S. M. (Org). São Paulo: Cortez Editora; Brasília: Unicef, 2005.
- *Tudo começa em casa*. Winnicot, D. W. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Para as crianças

- *Ana e Ana*. Cristina, C. São Paulo: Editora Difusão Cultural do Livro, 2007.
- *De onde viemos?* Explicando às crianças os fatos da vida, sem absurdos. Mayle, P.; Robins, A.; Walter, P. São Paulo: Nobel, 1999.
- *Rápido como gafanhoto*. Wood, A. São Paulo: Brinque-Book, 2007.



PONTOS IMPORTANTES

1

A importância dos adultos permanece durante todo o desenvolvimento da criança e do adolescente, porque eles são modelos de conduta, de como se comportar diante das mais diferentes situações e na relação com os objetos e com os outros; são referências para a construção de sua identidade.

2

A violência doméstica está presente em todas as classes sociais, constituindo-se em um dos principais motivos da retirada das crianças e dos adolescentes de suas famílias.

3

A história-bagagem que a criança ou o adolescente leva para o abrigo não é marcada apenas por experiências negativas.

4

A criança que sofreu violência doméstica pode, eventualmente, ter sentimentos ambíguos em relação ao familiar que lhe causou algum prejuízo: muitas vezes ele surge como alguém de quem ela sente saudades e raiva.



capítulo 2

A CENA VISTA DA JANELA

Num certo dia em que Madalena e seu filho caçula Martim não estavam em casa, seus irmãos Peter, Cindy e Denis, que tinham na época respectivamente 8, 7 e 6 anos, viram pela janela do quarto seu pai na cama, nu, em cima de Magda, então com 9 anos. Ao perceber que havia sido visto naquela cena, Adônis jogou sapatos nos três filhos para assustá-los e se vestiu rapidamente. Madalena estava chegando e as crianças chamaram por ela aflitivamente. Quando entrou na casa, o marido e Magda já estavam vestidos. As crianças contaram o que viram e Madalena fez uma denúncia contra o marido por maus-tratos e suspeita de abuso sexual¹⁵.

O caso foi encaminhado ao Conselho Tutelar¹⁶, que convocou o casal. Madalena ficou com medo da reação do marido e negou tudo durante a entrevista, o que não impediu que fosse convocada para um segundo depoimento. Dessa vez, desacompanhada de Adônis, relatou a tentativa de abuso sexual sofrida pela filha, assim como os maus-tratos que ela e os filhos recebiam há muitos anos do pai. Também pediu, sem o conhecimento do marido, que as crianças fossem recolhidas a um abrigo.

Convocado para uma nova entrevista, Adônis não compareceu. Diante disso, o Conselho Tutelar iniciou uma busca por vagas em abrigos para as oito crianças e passou a fazer visitas à casa da família para verificar as condições em que elas viviam.

Certo dia do mês de novembro de 2004, Madalena e os filhos tomavam banho de mangueira e brincavam em frente da casa. Na ocasião, receberam a visita da conselheira tutelar, que convidou todos para um passeio de perua. Depois de algumas voltas, o automóvel parou em frente à Casa de Passagem¹⁷. Lá, a família foi avisada que as crianças permaneceriam no local por alguns dias. Madalena caminhou até o ponto de ônibus acompanhada de Magda. Despediram-se ali.

Ao chegar do trabalho e não encontrar os filhos, Adônis dirigiu-se ao Conselho Tutelar, onde foi informado das razões do abrigamento das crianças. Mandou, então, avisar a esposa que não voltasse mais para casa e ameaçou processar o Conselho. No mesmo dia, foi atrás de notícias dos filhos no Fórum, onde foi informado que deveria aguardar convocação. 🍷

¹⁵ Violência sexual: é todo ato ou jogo sexual, em relação hetero ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou utilizá-lo para obter uma estimulação sexual. Nessas ocorrências a criança é sempre vítima e não pode ser transformada em ré. Fonte: Laboratório de Estudos da Criança do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (LACRI).

¹⁶ ECA – Art. 131. O Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos nesta lei.

¹⁷ Casa de Passagem: equipamento que recebe crianças e adolescentes para um estudo preliminar do caso e os encaminhamentos necessários; uma das alternativas é o abrigo. No município de São Paulo é, atualmente, denominado Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CRECA).

texto para reflexão

RUPTURA E SEPARAÇÃO

*Sou bem nascido. Menino,
Fui como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.
Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Levou tudo de vencida,
Rugiu como um furacão
(...)*

“Epígrafe”, de Manuel Bandeira (1886-1968).

A criança ou o adolescente que não encontra em sua família um ambiente seguro e protetor para crescer e se desenvolver pode ter ameaçada sua integridade física e psicológica. Os motivos que levam a isso são inúmeros, complexos e de diferentes ordens. Um deles é a pobreza, que, combinada com a ausência de retaguarda de serviços socioassistenciais, pode dificultar o exercício das funções parentais, mesmo quando há o desejo dos pais de cuidarem bem de seus filhos. Outro motivo de ordem circunstancial é a doença ou a prisão dos pais ou responsáveis, particularmente quando não há uma rede familiar que assuma provisoriamente as funções de proteção e cuidado antes exercidas pelos pais. Temos, ainda, situações de dependência química ou de sofrimento psíquico que impedem o cuidado dos filhos. Por fim, deparamo-nos com a vivência da família na rua, a violência doméstica e a orfandade¹⁸.

O aspecto que confere complexidade à situação a ser diagnosticada como de impossibilidade de permanência da criança ou do adolescente na família é que o motivo pode estar associado a fatores interconectados que escapam ao controle dos pais: o desemprego, que pode produzir alcoolismo, e que, por sua vez, pode produzir negligência, por exemplo. É uma cadeia de fatores que envolve aspectos econômicos, sociais e psicológicos.

A extrema responsabilidade e complexidade da decisão de retirada da criança ou do adolescente da família, mesmo em situações-limite de não cumprimento da função parental, é que não há, necessariamente, ausência ou fragilização dos

¹⁸ Motivos do ingresso no abrigo. Levantamento realizado em 2003 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) a pedido da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, por meio da Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (SPDCA) e do Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), apurou os seguintes motivos: carência de recursos materiais da família ou responsável: 24,1%; abandono pelos pais/responsáveis: 18,8%; violência doméstica: 11,6%; dependência química dos pais/responsáveis: 11,3%; vivência de rua: 7,0%; orfandade: 5,2%; outros: 22,0%. Ver: IPEA/Conanda. *O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil*. Brasília, 2004.

vínculos afetivos e agregadores desse grupo social. Um exemplo é a família moradora de rua vivendo em uma situação de miséria absoluta. Nessa situação precária, pode haver vínculos afetivos significativos entre os adultos e os filhos; no entanto, os demais direitos da criança não estão garantidos.

Há, também, circunstâncias e motivos que exigem cuidados, providências e agilidade na tomada de decisão porque a criança corre risco de vida e sua permanência no ambiente familiar pode ser extremamente prejudicial ao seu desenvolvimento: são as situações de violência doméstica.

Na maioria das vezes, a violência produz sofrimento e prejuízos físicos e/ou psíquicos, o que gera um trauma¹⁹. Nessas situações, é mais frequente que as instâncias competentes²⁰ determinem a retirada da criança e do adolescente da família em vez do afastamento do agressor²¹. Sabe-se com clareza que é necessário interromper a situação de violação de direitos e garantir a integridade física e mental da criança ou do adolescente.

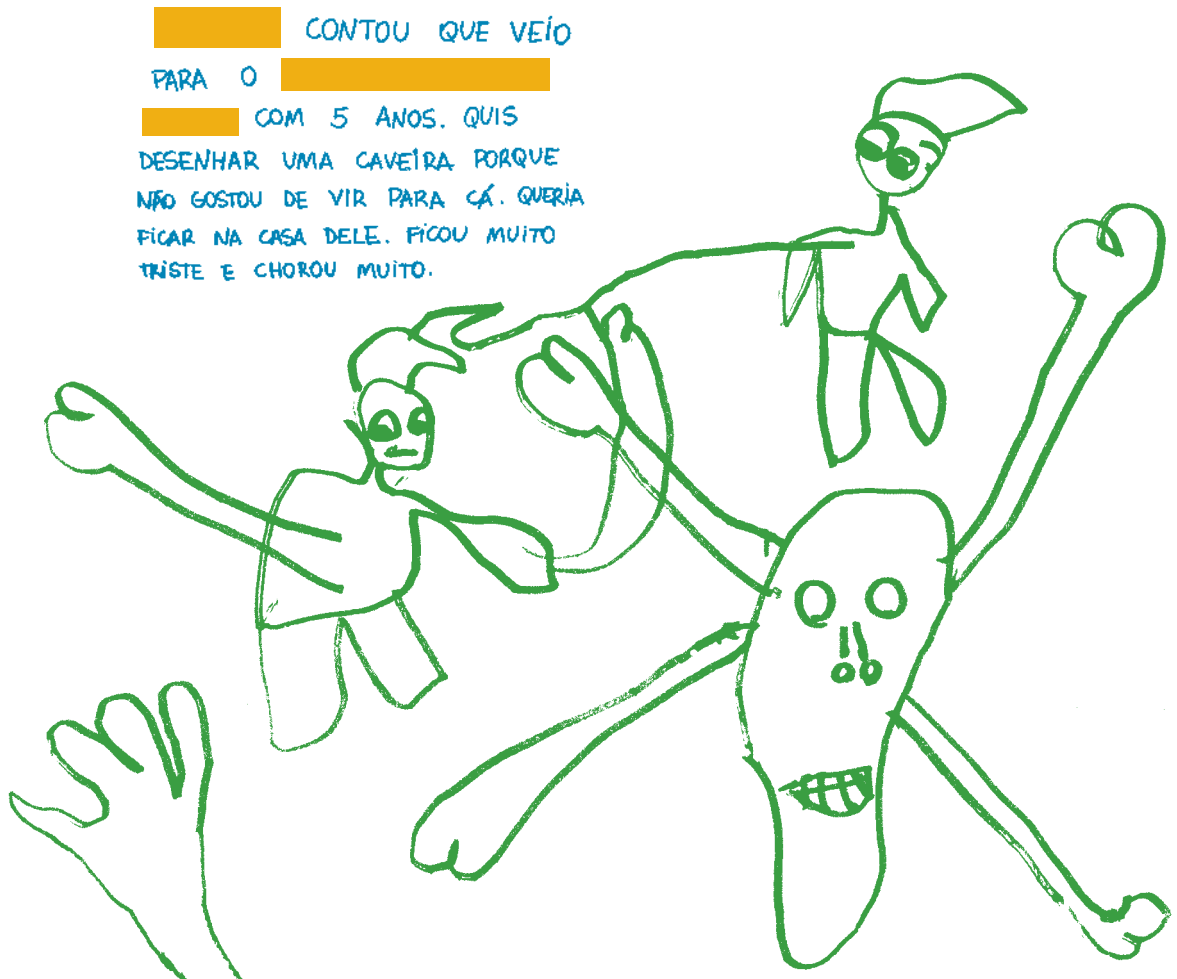
Em outras circunstâncias, por exemplo em situações de negligência, a combinação dos determinantes traz mais dificuldades para o diagnóstico e a decisão sobre qual seria a medida correta a ser aplicada.

Qualquer que seja a circunstância que leva à separação da família, fica a pergunta: e a criança? Como está entendendo a situação? O que ficou na memória da cena que viveu uma ou várias vezes? Como expressa isso?

19 Trauma: é uma situação pela qual passa um indivíduo que, na ocasião, não tem recursos físicos e/ou psíquicos para compreender, situar-se e responder a ela. Tal circunstância imprime uma carga afetiva excessiva, não sendo possível atribuir-lhe significado e integrá-lo à vida cotidiana. Uma vez impedido de ser simbolizado através de palavras, o trauma fica marcado no corpo e na memória acarretando pensamentos e sintomas que se repetem na busca por significação.

20 O Poder Judiciário e os Conselhos Tutelares são os órgãos responsáveis pela aplicação das medidas.

21 ECA – Art. 130. Verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsáveis, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum.



Momento de ruptura

A retirada da família não é suficiente para garantir o bem-estar da criança e do adolescente que sofreu violência em sua casa. É preciso que haja a oportunidade de escutar atentamente suas angústias e dúvidas. Para onde ela for, carregará consigo sua história-bagagem.

O momento de retirada da família se constitui em outra experiência significativa: boa ou má, ou, em muitos casos, ambas as coisas. Às vezes, o sofrimento já é tão insuportável que a criança ou o adolescente sente alívio quando algum outro adulto, mesmo desconhecido, a retira daquele lugar; em outros casos, recusa-se a sair dali porque está seduzida pela situação; em outros, ainda, a criança ou o adolescente vive uma ambivalência de sentimentos, pois não quer deixar aquele ambiente e as pessoas com as quais viveu até ali e, ao mesmo tempo, não quer permanecer naquela situação.

Esse momento da separação marca uma ruptura com o conhecido, mesmo que desagradável ou inadequado, e remete a criança ou o adolescente a um mundo sem referências, desconhecido. É aí que poderão surgir sentimentos de desamparo, abandono, insegurança, vergonha, medo ou culpa.

A maneira como a separação ocorre, ou seja, os procedimentos técnicos executados pelos adultos das instâncias competentes, pode configurar uma nova vivência traumática, particularmente quando não permite às crianças e aos adolescentes compreenderem o que está acontecendo, se nenhuma explicação é dada a eles.

“Eu pensei que era só um passeio e no começo até gostei, mas depois que eu percebi que tinha sido enganada... foi ruim. Deviam falar a verdade e não enganar nós” Cindy, 11 anos.

ANTES DE VIR
PARA CÁ...

MORAVA COM MEU PAI E COM A MINHA MÃE.
EU, MEU PAI E MEU PRIMO EMPINÁVAMOS PIPA.
AÍ, UM DIA, UMA MULHER CHAMOU E FALOU QUE IA NOS
LEVAR PARA ALMOÇAR, MAS ELA TEVOU PÁRA UM ABRIGO
E A GENTE FICOU LÁ. NINGUÉM CONTOU PORQUE LEVARAM
A GENTE PARA LÁ. DA PRÓXIMA VEZ DOU UMA PEDRADA!!!
NÃO SEI PORQUE NOS TROUXERAM PARA CÁ!!!

O abrigo

O Estatuto da Criança e do Adolescente, pautado na concepção de criança e adolescente como pessoas em “estágio peculiar de desenvolvimento” e como cidadãos “sujeitos de direitos”, propõe o abrigo como uma medida de proteção para as crianças e adolescentes separados de suas famílias.

A retirada da criança ou do adolescente do ambiente em que vive é uma ação extrema, quando esgotadas todas as outras possibilidades e, em muitos casos, porque não é possível retirar o agressor do ambiente. Nesses casos, o abrigo é uma alternativa de acolhimento que deve reconstruir um ambiente de segurança e estabilidade.

O modo como as ações são conduzidas (os procedimentos que incluem ou não dizer o que está ocorrendo e seus motivos), a idade da criança e do adolescente, seus recursos internos (a capacidade de compreender sua situação e expressar sentimentos acerca dela) e o motivo do abrigamento são fatores que interferem na forma como a criança e o adolescente vão significar esse acontecimento em suas vidas.

O abrigamento é uma ação judicial que pode partir da solicitação ou encaminhamento de outras instâncias do sistema de proteção e, nesse sentido, ela é imposta à criança ou ao adolescente. A tentativa de possibilitar às crianças e aos adolescentes compreenderem o que está acontecendo, as decisões que os adultos estão tomando por eles e os possíveis desdobramentos da situação é atitude que pode trazer benefícios e facilitar o trabalho daqueles que estarão envolvidos no atendimento direto a eles.

As crianças e os adolescentes que chegam ao abrigo com suas histórias tão diferentes, têm em comum a marca da separação – dos pais, ou só da mãe, de uma avó, do cachorro querido, de um amigo ou amiga, daquela escola que não irá mais frequentar etc. Sempre há perdas e sofrimentos, mesmo que simultaneamente a criança e o adolescente sintam alívio e alegria pelo que têm agora, pela ruptura com a situação de privação e sofrimento que estava vivendo.

Importante considerar também que a separação pode ser uma exigência da circunstância de vida dos pais (a prisão, por exemplo) e não implica, necessariamente, abandono. Separação e abandono são dois acontecimentos diferentes e é fundamental para os adultos e para as crianças e os adolescentes compreenderem essa diferença.

A tentativa de ajudar a criança ou o adolescente a dar sentido para aquilo que viveu e está vivendo é fundamental, pois ela frequentemente cria uma versão para aquilo que não compreende, fantasiando acontecimentos para preencher as lacunas de sua história.

“Me levaram pro abrigo porque minha casa caiu, ela estava muito velhinha...”

Denis, 10 anos.

Nessas fantasias, ela tende a se considerar culpada, responsável pela ação do outro: “Meu pai me bateu porque não fui um bom filho”; “Minha mãe me abandonou porque devo ter feito alguma coisa...”. Assim, no trabalho com a criança ou o adolescente que acabou de viver uma situação dolorosa, como a separação de sua família, é prioritária a oferta de um **espaço afetivo** no qual ela possa expressar seus sentimentos e eles possam ser nomeados. Para isso, os adultos precisam ter disponibilidade para olhar, escutar e dizer a verdade dos fatos na linguagem da criança ou do adolescente. 🌱

Para saber mais

- *Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação*. Baptista, M. V. São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006.
- *A família em desordem*. Roudinesco, E. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2003.
- *O que a Psicanálise pode explicar sobre a criança, sujeito em constituição*. Bernardino, L. M. F. (Org). São Paulo: Escuta, 2006.
- *Violência doméstica na infância e adolescência*. Azevedo, M. A.; Guerra, V. A. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

Para as crianças

- *A velhinha que dava nome às coisas*. Rylant, C. São Paulo: Brinque-Book, 1997.
- *João e Maria* – Grimm. Adaptação de Tatiana Belinky. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- *Menina Nina: duas razões para não chorar*. Ziraldo. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.
- *Vó Nana*. Wild, M. São Paulo: Brinque-Book, 2000.



PONTOS IMPORTANTES

1

Qualquer que seja a circunstância que leva à separação da família, fica a pergunta: e a criança e o adolescente? Como estão entendendo a situação? O que ficou na memória da cena que viveram uma ou várias vezes? Como expressam isso?

2

A retirada da criança ou do adolescente do ambiente em que vive é uma ação extrema, que só acontece quando foram esgotadas todas as outras possibilidades e, em muitos casos, porque não é possível retirar o agressor do ambiente.

3

Separação e abandono são dois acontecimentos diferentes e é fundamental para os adultos e para as crianças e os adolescentes compreenderem essa diferença. Nem toda criança ou adolescente separado de sua família de origem foi abandonado.

4

No trabalho com a criança ou o adolescente que acabou de viver uma situação dolorosa, como a separação de sua família, é prioritária a oferta de um espaço afetivo no qual ela possa expressar seus sentimentos e eles possam ser nomeados.



capítulo 3

O DESCONHECIDO PODE (NÃO) SER ASSUSTADOR

Na Casa de Passagem²², os oito irmãos tinham apenas duas camas, uma no quarto dos meninos e outra no quarto das meninas. Além disso, não podiam fazer as atividades com as quais estavam acostumados, como assistir televisão e tomar café diversas vezes ao dia. Contrariados, comiam ovo cozido e tomavam leite no café da manhã. Estefany, de dois anos, era a que mais apanhava dos educadores quando fazia bagunça ou chorava. As crianças perguntavam muito pelos pais.

Menos de um mês depois da entrada das crianças na Casa de Passagem, Adônis compareceu ao Fórum em busca de informações sobre os filhos. Três dias depois, atendendo convocação, retornou ao local e negou as acusações dizendo que tudo não passava de invenções da mulher ao saber que ele pretendia pôr fim ao casamento.

Com os filhos abrigados, Madalena, impedida de voltar para casa, passou cerca de um mês e meio entre as casas das irmãs e da mãe. Reclamava muito da rejeição do marido e insistia na reconciliação. Para afastá-la do marido, sua irmã mais velha, Andréia, levou-a para a casa de uma outra irmã no interior de São Paulo. Lá Madalena teve outros relacionamentos e foi acusada de roubar objetos e dinheiro da casa da irmã, com quem brigava muito. Tempos depois, Adônis foi buscá-la e voltaram a morar juntos na capital.

Em janeiro de 2005, dois meses depois, as crianças foram transferidas da Casa de Passagem para um abrigo. Levavam consigo apenas a “roupa do corpo” e, cada um à sua maneira, demonstravam como enfrentavam aquela situação. Em comum, todos achavam que apanhariam por qualquer motivo.

Bastante apegado a Magda, Martim (1) não queria sair do seu colo. Chorava muito e acordava no meio da noite chamando pela irmã. Dos oito irmãos, era o único que se apegava aos adultos estranhos que chegavam à casa, agarrando-se às pernas deles e exigindo atenção. “Manhoso”, ficava bravo quando suas vontades não eram atendidas e brigava bastante com as outras crianças.

Estefany (2) mordida as crianças da casa e aceitava cuidados somente da irmã mais velha. Agarrava-se a Magda como se esta fosse sua mãe e exigia sua atenção em tempo integral, principalmente na hora de dormir.

²² Esta Casa de Passagem foi fechada.

Michel (4) mostrava-se magoado com a situação. Chorava bastante e causava pena nos adultos. Tinha muito medo de errar e tomar bronca.

Robert (5) falava muito palavrão e parecia desconfiar de todos, corria e se escondia debaixo da mesa.

Nos primeiros meses no abrigo, Denis (6) mostrava-se triste e procurava chamar atenção. Era visto pelos educadores como um menino que agia de forma desrespeitosa e sem limites: achava que podia ficar na rua até a hora que desejasse e não demonstrava interesse em ser cuidado pelos adultos.

Cindy (7) era tranquila e delicada. Triste com a ausência dos pais, chorava com frequência e perguntava muito sobre quando poderia voltar para casa. Por outro lado, enturmou-se facilmente com as crianças do abrigo.

Inicialmente Peter (8) era muito tímido. Estava sempre zangado e queria bater em todos reagindo com agressividade às situações que o contrariavam.

Magda (10) era a “mãezona” de todos. Estava sempre atenta e preocupada com os irmãos, que a respeitavam muito. Quando chegou, assustada, chorava escondido e desobedecia aos adultos. Em muitos momentos, ameaçava fugir dizendo que sabia muito bem como sair para procurar os pais. Queria aparentar mais idade e achava que podia tudo, na hora e do jeito que quisesse.

Martim estava sempre de cara fechada, com um “bico enorme”. Nunca era visto sorrindo.

Os irmãos olhavam assustados para a casa, para as crianças e para os adultos. Demonstravam medo e desconfiança. Não sabiam que tipo de lugar era aquele e por que estavam ali. Culpavam o juiz por estarem afastados dos pais e pediam esclarecimentos aos funcionários. Os educadores da casa, por sua vez, sabiam apenas que o motivo do abrigamento tinha alguma relação com o pai das crianças e que elas deveriam ser muito bem acolhidas. Dessa maneira, não tinham informações e orientações suficientes para responder às perguntas.

Quando chegou ao abrigo, Magda contou para uma outra adolescente sobre o abuso que sofrera do pai. A informação circulou pela casa e incomodou bastante os adultos, que não sabiam como agir.



As crianças não falavam sobre o assunto, com exceção do comentário feito por Magda à outra menina. Em relação ao passado, falavam da liberdade que tinham na casa dos pais, das inúmeras noites passadas na rua, dos dias em que pegavam comida na feira e de seus hábitos, como tomar diariamente um grande copo de café.

Na mesma época em que as crianças foram para o abrigo, Madalena engravidou novamente de Adônis. A primeira visita domiciliar a casa deles foi feita em fevereiro de 2005, cerca de um mês após o abrigamento das crianças. Adônis e Madalena não receberam as técnicas do abrigo. Na ocasião, Andréia, irmã de Madalena, contou às funcionárias que tão logo os filhos foram abrigados, Adônis buscou notícias no Fórum e proibiu sua mulher de acompanhá-lo, ameaçando-a. Nessa visita, Andréia mostrou-se indignada com a retirada dos sobrinhos de casa, mas declarou que, por medo do cunhado, nem ela nem qualquer outro familiar sentia-se seguro para assumir a responsabilidade pelas crianças. 🌱

texto para reflexão

RECEPÇÃO E ACOLHIMENTO

OS PRIMEIROS MOMENTOS NO ABRIGO

*O que será ser só
Quando outro dia amanhecer
Será recomeçar
Será ser livre sem querer
(...)
“Abandono”, de Chico Buarque.*

No momento da separação de seus familiares ou responsáveis, a criança ou o adolescente perde a convivência com pessoas significativas de sua história, mas não perde os **vínculos** afetivos construídos com essas pessoas, com os objetos e os lugares. Os vínculos vão com ela em sua história-bagagem.

Ela guarda na memória suas lembranças e as cultiva através dos objetos que as acompanham – a chupeta, o elástico do cabelo, a roupa que está vestida, uma

carta, por exemplo. Mesmo quando não leva algum objeto próprio, a criança ou o adolescente sempre carrega consigo marcas – no corpo ou nas lembranças – daquilo que viveu até aquele momento.

“Vimos sem nossas coisas, sem nada” Magda, 13 anos.

A criança apresenta uma versão de sua história, cuja concepção depende diretamente de sua idade, de sua possibilidade de compreensão e interpretação dos fatos e também de como essa história foi contada a ela. Seus atos, fala, comportamentos e brincadeiras estão construídos com base nessa leitura e compreensão singular do mundo em que viveu e de sua história de vida.

Os **primeiros momentos no abrigo** configuram um período emocionalmente difícil para a criança ou o adolescente; ele se depara com um novo ambiente, com pessoas desconhecidas e situações distintas das vividas em sua casa. Mesmo que pertença a um grupo de irmãos que viveu condições similares, sua experiência nunca é igual à dos outros, assim como sua compreensão da história e a forma como reage a ela. As manifestações nesse momento são diversas: chorar, desesperar-se, ficar apático, não ter reação, falar sem parar, falar de suas histórias, não falar nada, estranhar os adultos e as crianças, comer muito, perder o apetite, não conseguir dormir e, até, sentir-se à vontade...

“Receberam muito bem nós no abrigo, fizeram um cartaz pra nós e também um bolo de limão. Foi bom, mas senti um pouco de vergonha, porque não conhecia as pessoas e nem sabia direito onde eu estava”. Cindy, 11 anos.

A passagem desse momento de mudanças e novidades, de ruptura e descontinuidade em relação a sua vida passada traz muitas dúvidas e angústias, pois fica evidenciado para a criança ou adolescente que sua vida mudou. Onde estou? Que lugar é esse? Até quando vou ficar aqui? E as minhas coisas? Meus amigos? Minha escola? Minha família? O que vai acontecer comigo? Quem sou eu aqui? Como me comportar?

Um dos papéis do educador do abrigo

Nesse momento, surgem novas percepções de si e do mundo, ideias e sentimentos desconhecidos que necessitam ser entendidos e assimilados. O abrigo, quase sempre representado pela figura do educador, é o interlocutor privilegiado no processo de **acolhimento** e **compreensão** que precisa ocorrer. É ao adulto do abrigo, seja educador, pessoal de apoio, administrativo ou técnico (a criança e o adolescente não discriminam funções, particularmente nesse momento de chegada!), que serão direcionadas as perguntas do parágrafo anterior. E esse é o momento-chave para a criança ou

o adolescente começar a criar uma relação de confiança e se sentir segura, iniciando a construção de novos vínculos significativos. Se houver disponibilidade do adulto, ela começará a fazer perguntas sobre o que a amedronta; às vezes, independentemente da vontade ou disponibilidade dos adultos, as perguntas também surgem, causando perturbação. Na brincadeira, na briga com outras crianças e adolescentes do abrigo, no choro, no pesadelo, comendo demais ou de menos, a criança e o adolescente seguem perguntando – o adulto precisa prestar atenção! – e tentando reconstituir, **estabelecer os nexos de sua história** e continuar a construí-la dentro de si.

“Chegaram com medo, assustados e desconfiados, olhavam assombrados para tudo, para a gente e para a casa; o Robert corria e se escondia embaixo da mesa. Eles achavam tudo muito esquisito, deviam estar pensando ‘onde é que eu estou? De onde vim? E pra onde vou?’” Dália, educadora do abrigo.

O QUE FAZER AO RECEBER UMA CRIANÇA OU UM ADOLESCENTE NOVO NO ABRIGO

Acolher a criança ou o adolescente no momento de sua chegada significa:

- ▶ recebê-lo falando o seu nome;
- ▶ abaixar para falar com ele;
- ▶ olhá-lo;
- ▶ respeitar o momento que está vivendo;
- ▶ conversar sobre o que está acontecendo;
- ▶ escutar o que ele tem para falar;
- ▶ respeitar seu silêncio;
- ▶ mostrar-lhe seu lugar na casa;
- ▶ apresentar as pessoas e as regras;
- ▶ contar as rotinas;
- ▶ envolver as outras crianças e adolescentes do abrigo na recepção dos novos integrantes;
- ▶ estar atento às suas manifestações e necessidades imediatas – a fome, o machucado, o dente que dói.

Lugar de proteção

O adulto, ao ser acessível e disponível à criança e sensível às suas necessidades, mostra que o que ela faz e diz tem valor. É comum nesse momento a criança ou o adolescente testar os adultos em busca da certeza de que não será abandonada mais uma vez. Por isso, suportar seus ataques aponta para a existência de alguém que se interessa por ela.

É na relação com o outro, ao se sentir respeitada em sua **singularidade**, que a criança ou o adolescente pode encontrar a possibilidade de superar o sentimento de desconfiança, entender o abrigo como um lugar de proteção e, assim, encontrar a segurança necessária para se integrar ao cotidiano da instituição.

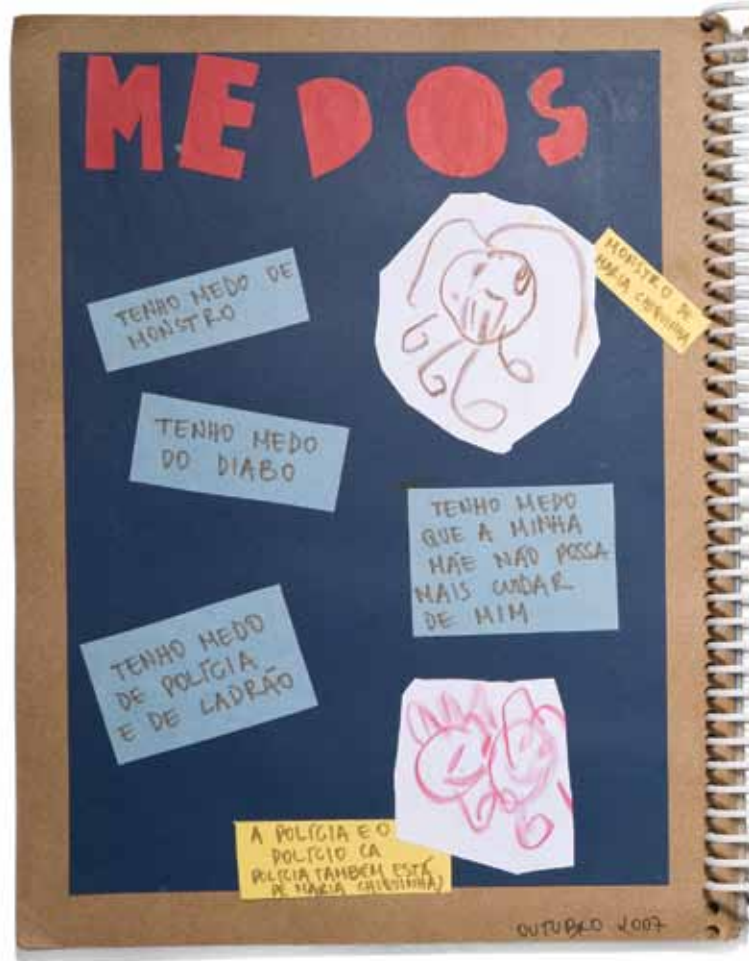
As crianças e os adolescentes do abrigo são referências igualmente importantes nesse momento, e podem facilitar a integração dos que chegam. Muitas vezes, é com o grupo de iguais que a criança

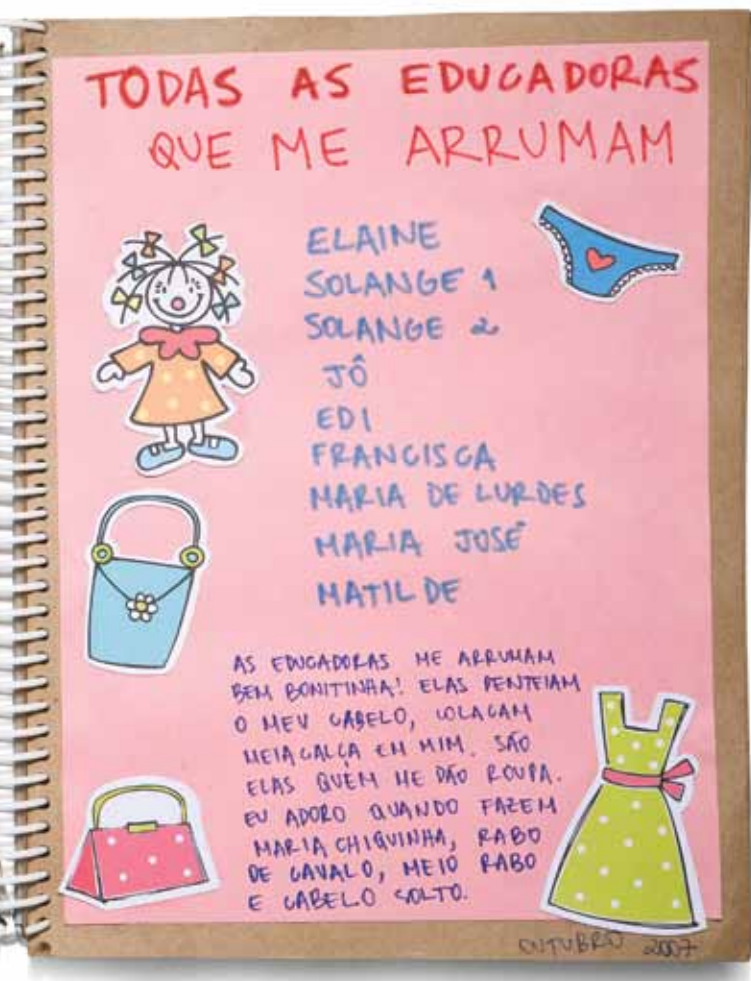
ou o adolescente estabelece os primeiros vínculos no abrigo. Em alguns casos, a identificação facilita a aproximação: já atravessaram uma situação de separação e abrigamento, estão igualmente privados do convívio familiar no cotidiano.

Para que possam, junto com os adultos, receber e acolher um novo membro, o grupo precisa estar preparado para, por exemplo, não se surpreender com alguém dormindo no seu quarto ou dividindo a atenção da mesma educadora. Isso é particularmente importante no caso dos muito pequenos, que terão que dividir o colo da educadora e suas canções de ninar.

Esse ambiente de acolhimento é facilitado quando os educadores do abrigo incentivam um ambiente solidário, as relações fraternas e cooperativas, e se constituem em um modelo de conduta porque também praticam entre si esse padrão de convivência e aceitação recíproca.

É importante ressaltar que cada criança ou adolescente tem um tempo próprio para se integrar ao novo espaço físico, às pessoas diferentes, crianças e adultos,





aos novos hábitos de alimentação, higiene e a outras rotinas. Muitas vezes, hábitos simples, como o uso do banheiro, precisam ser explicados, porque não fazem parte da experiência da criança.

“Quando eu cheguei na casa, foi horrível, foi diferente... eu não conhecia ninguém, fiquei com medo. Depois de um ano, começou a ficar legal”. Magda, 13 anos.

A disponibilidade para estar com a criança ou o adolescente e a possibilidade de lidar com suas perguntas, brincadeiras, choros e medos tornam os educadores, pela frequência e intensidade de seu contato, na maioria das vezes, adultos de referência. Essa posição, lugar que a criança ou o adolescente o coloca, exige que o educador tenha informações sobre os dados objetivos da história deles e, principalmente, faça um trabalho prévio de análise e discussão do caso com a equipe técnica do abrigo. É necessário que ele tenha clareza da importância do que é dito à criança ou ao adolescente e trate éticamente os aspectos da história, estando atento à maneira como ela circula, muitas vezes contada pela própria criança ou pelo adolescente para o grupo de pares.

A preparação dos educadores

“Se tivesse como o adulto ser preparado antes, alguém que falasse para ele ‘olha, está vindo um caso assim, assim, assim’, eu acho que seria bem melhor. Pelo menos o básico da história o adulto tem que saber, porque daí ele vai entender a birra, o choro, a manha, o não querer comer, o medo de dormir, tudo isso fica mais fácil de entender”. Graça, educadora do abrigo.

Esse aspecto é bastante polêmico e, em cada abrigo, há procedimentos diferentes.

“A gente não sabia muito a história da criança para não estar envolvendo a história no cotidiano, a gente procurava tratar a criança com naturalidade, trabalhar como se a história dela tivesse começado naquele momento. Depois, isso foi mudando, a gente começou a saber da história... porque envolve ética você saber da história e trazê-la para o grupo”. Joana, educadora do abrigo.

Muitas vezes, os educadores são impedidos de entrar em contato com a história das crianças e dos adolescentes com os quais trabalham. Existe, em muitos abrigos, uma “tradição” que determina a omissão das histórias de vida. Esta prática baseia-se na ideia de que os adultos ficam muito tocados por elas, que mobilizam angústias e remetem ao sofrimento que eles próprios viveram. Acredita-se que tenham dificuldade em compartilhar com as crianças ou os adolescentes os acontecimentos que determinaram o abrigamento, como o abuso sexual, a violência dos pais ou dos responsáveis ou o abandono. Considera-se que alguns não sabem lidar com essas informações e podem usá-las de forma inadequada no cotidiano da casa, no contato direto com a criança ou com o adolescente.

“Eles ficaram confusos, perguntavam por que vieram para o abrigo, se iam demorar para ir embora, se iam ficar por muito tempo. E eu não sabia o que responder, não conhecia a história, mas dizia que um dia eles iam voltar para a casa”. Dália, educadora do abrigo.

Quando há a omissão dessas histórias, os educadores não sabem ao certo o que as crianças e os adolescentes viveram e o porquê de estarem abrigados. Muitas vezes não compreendem aquele choro fora de hora, a dificuldade da criança para deixar tirar sua roupa na hora do banho, ou aquela que se esconde quando alguém fala muito alto no abrigo. Aquilo que sabem é resultado do contato diário, da maneira como cada criança e adolescente se comporta ou dos **fragmentos de memória que emergem das situações prosaicas do cotidiano**: o cheiro de café ou uma música que alguém cantarola. Esses atos nos trazem notícias de suas experiências passadas e presentes, evidenciando seus sentimentos e outros aspectos de si e da própria história.

A criança e o adolescente viveram e vivem diversas situações que não necessariamente compreendem. Por esse motivo é tão importante o educador conhecer suas histórias para ajudá-los a dar sentido a esses acontecimentos que eles trazem marcados no corpo (a queimadura de cigarro, a desnutrição) e em suas condutas. O adulto não deve esperar, de modo passivo, que a criança ou o adolescente se aproxime. É sua responsabilidade estar atento e fazer um movimento ativo em direção a eles, facilitar a expressão daquilo que é difícil e doloroso.

Criando novos vínculos

Estabelecer novos vínculos é uma tarefa para a vida inteira. Isso sempre está ocorrendo em cada novo grupo ao qual passamos a pertencer. Mesmo quando há perdas, os vínculos estabelecidos ficam na lembrança e nos alimentam.

Os novos vínculos que a criança ou o adolescente estabelece no abrigo e na escola que passa a frequentar não substituem os vínculos que tem com sua mãe, seu pai, sua família, a outra professora. O educador no abrigo precisa ter clareza do seu papel: é alguém significativo na vida da criança e do adolescente, que poderá acolher, tranquilizar, aconchegar, escutar, cuidar e educar justamente se puder estabelecer com ela vínculos afetivos significativos. E isso se constrói vagarosamente nas relações do cotidiano.

Acompanhar a criança e o adolescente em seu percurso de crescimento e formação pessoal não é tarefa simples, implica uma sustentação afetiva e a convicção de que a criança ou o adolescente tem um destino pessoal único e pode desejar algo, sonhar com uma vida digna.

A criança ou o adolescente **resgata e reconstrói sua história e a imagem que tem de si a partir das novas vivências e da interação com novas pessoas, crianças e adolescentes, com as quais passa a conviver**. Portanto, o desenvolvimento saudável da criança ou do adolescente, desde sua chegada ao abrigo, depende da construção desse espaço na relação com o educador e outros adultos de referência, no qual veja reconhecida e respeitada sua singularidade – seu ritmo, necessidades, sentimentos e ideias -, dentro do espaço coletivo do abrigo. Somente assim, sendo ouvida e observada, poderá resgatar, reconhecer e desenvolver suas potencialidades.

Nesse sentido, um aspecto importante a ser considerado é a transferência de instituição, no fluxo do sistema assistencial (de um Centro de Referência da Criança e do Adolescente para um abrigo, ou de um abrigo para outro). A mudança de abrigo implica nova ruptura na vida da criança e do adolescente, e a repetição da vivência de ruptura pode levá-la a ter cada vez mais dificuldade de se vincular aos outros temendo nova ruptura brusca e a perda de suas referências mais uma vez. Nesse contexto, fica novamente evidenciada a importância da explicação verdadeira sobre os motivos que levam à mudança.



Com frequência trata-se a transferência da criança ou do adolescente com a naturalidade dos procedimentos burocráticos – solicitação ao Poder Judiciário e aguardo do despacho do juiz –, sem atentar para os possíveis efeitos prejudiciais que essa nova e desconhecida experiência tem na vida deles. Provavelmente, nessa nova instituição, a abordagem da criança e do adolescente será mais difícil e conquistar sua confiança mais demorado. As mudanças serão percebidas de maneira ainda mais intensa se não houver uma explicação razoável e verdadeira sobre os motivos da transferência e se o novo abrigo não considerar o papel na história da criança ou do adolescente, de suas experiências no abrigo anterior, que foram significativas, sejam elas boas ou ruins, independentemente do tempo que tenha permanecido ali. Tudo isso agora também faz parte de sua história pessoal. 🌱

Para saber mais

- *Dialogando sobre crianças e adolescentes*. Dolto, F. Campinas: Papyrus, 1989.
- *Formação e rompimento dos laços afetivos*. Bowlby, J. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- *Primeira entrevista em Psicanálise*. Mannoni, M. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1981.
- *Psicanálise e educação*. Questões do cotidiano. Sanches, R. M. São Paulo: Escuta, 2002.
- *Teoria do vínculo*. Pichon-Rivière, E. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Para as crianças

- *Branca de Neve e os sete anões*. Grimm. Adaptação de Tatiana Belinky. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- *Mamãe você me ama?* Joesse, B. M. Rio de Janeiro: Brinque Book, 1995.
- *O homem que amava caixas*. King, S. M. São Paulo: Brinque Book, 1997.
- *Pedro e Tina: uma amizade muito especial*. King, S. M. São Paulo: Brinque Book, 1999.
- *Trem da amizade*. Slawski, W. São Paulo: Brinque Book, 1998.



PONTOS IMPORTANTES

1

Mesmo quando não leva algum objeto próprio, a criança ou o adolescente sempre carrega consigo marcas – no corpo ou nas lembranças – daquilo que viveu até o momento de sua chegada no abrigo.

2

O adulto, educador do abrigo, ao ser acessível e disponível à criança e ao adolescente e sensível às suas necessidades, mostra que o que ela faz e diz tem valor.

3

Muitas vezes, é com o grupo de iguais que a criança ou o adolescente estabelece os primeiros vínculos no abrigo.

4

É na relação com o outro, ao sentir respeitada sua singularidade, que a criança e o adolescente pode encontrar a possibilidade de superar o sentimento de desconfiança, entender o abrigo como um lugar de proteção e, assim, encontrar a segurança necessária para se integrar ao cotidiano da instituição.



capítulo 4

UMA NOVA REALIDADE

No abrigo, os irmãos apegaram-se a uma educadora parecida com Madalena. Táis era loira, gorda e tinha o cabelo “aneladinho”, cheio de cachos. Magda escreveu-lhe uma carta dizendo o quanto gostava dela e que a considerava uma mãe. Ao final da carta, inclusive, chamava-a assim. Nesse mesmo período, Magda foi encaminhada para uma instituição especializada no atendimento psicológico de vítimas de violência doméstica.

Nas muitas idas e vindas para a creche, Martim iniciou uma amizade com o motorista da perua, Crispim, que sempre tentava agradar o garoto. Com o tempo, Martim começou a sorrir, dando sinais de que o motorista ganhava sua confiança. Dias depois de ganhar os primeiros sorrisos em retribuição à atenção que dava ao garoto, o motorista ouviria um pedido de Martim: “Seu Crispim, me leva pra sua casa?”. Funcionário da instituição, Crispim estava sempre presente nas comemorações e, nessas ocasiões, ficava junto de Martim. Depois de um tempo, decidiu conversar com a assistente social para se tornar padrinho²³ do menino.

Dessa forma, Martim voltou a ter contato com um ambiente familiar nos finais de semana. Na casa do motorista, próxima ao abrigo, moram também a mulher e os três filhos adolescentes do casal. Todos gostam muito de Martim e o consideram o caçula da família. No final das tardes de domingo, o garoto se recusa a tomar banho, pois sabe que logo depois voltará ao abrigo. Também fica irritado e nervoso quando os padrinhos não podem buscá-lo no fim de semana.

Em março de 2005, Madalena foi convocada duas vezes pelo Fórum. Na primeira, acompanhada pelas irmãs, afirmou que a situação na sua casa continuava a mesma. Chorando muito, disse que Adônis continuava com suas agressões e que sentia muitas saudades dos filhos.

Na segunda convocação, junto com sua mãe, Matilde soube, por meio de um membro da equipe técnica do Fórum, que nem ela nem Adônis apresentavam condições de ficar com as crianças, e que não poderiam voltar a vê-las. A funcionária do Fórum aventou a possibilidade das crianças mais novas irem para adoção e as mais velhas, para o programa de apadrinhamento.

²³ Padrinhos: adultos que ficam com a criança/adolescente durante finais de semana, datas especiais e férias. Espera-se que os padrinhos construam uma relação estável com a criança/adolescente, oferecendo-lhe acolhimento, afeto e possibilidade de convivência num ambiente familiar. A criança/adolescente continua vivendo no abrigo, sua guarda está sob tutela do Estado e ela tem a possibilidade de se vincular a alguém de fora da instituição. O apadrinhamento se configura como fator de proteção para muitas crianças e adolescentes que estão nos abrigos e não têm a possibilidade de voltar para a família de origem.

No mês seguinte, a possibilidade de adoção foi descartada pela assistente social do Fórum, pois ela considerou que o vínculo entre os irmãos era muito forte.

Nessa época, Madalena contou às técnicas do abrigo que tinha medo de relatar alguns acontecimentos na presença de Adônis e que o marido evitava as entrevistas para dar a impressão de que estava trabalhando. Por isso, as visitas domiciliares passaram a acontecer na casa dos avós maternos, Matilde e Agenor.

Numa das visitas domiciliares, Madalena entregou à assistente social do abrigo uma carta que havia escrito para sua filha Magda. Como as crianças não sabiam que o abrigo mantinha contato com a família, as técnicas optaram por não informar a menina e guardaram a carta em seu prontuário.

Em julho de 2005, o Poder Judiciário proibiu formalmente as visitas familiares e solicitou a destituição do poder familiar, decisão contrária à opinião da equipe técnica do abrigo, que tentou revertê-la. No entanto, prevaleceu a determinação do Judiciário: a suspensão²⁴ do poder familiar. A decisão da justiça não foi comunicada às crianças, que, dessa maneira, não sabiam a razão da ausência dos pais.

Dois meses depois, Madalena e seus pais solicitaram junto ao Fórum uma visita às crianças, pedido que foi negado. No mês seguinte, nasceu Victor, nono filho de Adônis e Madalena. Durante uma visita domiciliar, a mãe afirmou às técnicas do abrigo que ninguém tiraria o recém-nascido dela, pois Victor “veio ao mundo para substituir os oito filhos que se foram”.

No abrigo, as crianças não tinham notícias dos pais e não sabiam do novo irmão. Diariamente solicitavam informações sobre os familiares, principalmente aos adultos com quem conviviam. Os educadores e os auxiliares do abrigo não podiam contar o pouco que sabiam da história. Já a equipe técnica não compartilhava todas as informações de que dispunham com os funcionários, pois temiam que os dados fossem utilizados de maneira inadequada.

No dia a dia, Martim e Estefany frequentam em período integral a creche próxima ao abrigo. Já Michel, Robert, Denis, Cindy, Peter e Magda vão às aulas na escola pública do bairro e, no período extraescolar, participam das atividades do Núcleo Sócio Educativo da região.

O convívio social das crianças envolve os educadores e auxiliares que trabalham na casa; as crianças e os adolescentes que moram no abrigo, além daqueles que já foram desabrigados e voltam para visitas; voluntários que trazem presentes em épocas festivas e pessoas que levam às crianças novas propostas de atividades, como a participação no cultivo de uma horta ou na construção de um álbum com a história de cada um.

Magda continua sendo uma referência importante para os irmãos. Estão sempre próximos e a relação entre eles permanece intensa.

Martim desenvolve-se como um garoto da sua idade, principalmente no que se refere à comunicação. Gosta muito de brincar. 🧸

texto para reflexão

A HISTÓRIA QUE SE CONSTRÓI NO COTIDIANO

*A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer
(...)*

“Comida”, de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto.

O presente é o **cotidiano** da vida das pessoas. É o tempo em que elas vivem, são mobilizadas por novos acontecimentos mais ou menos significativos, lembram com alegria, tristeza ou raiva do passado, projetam o futuro ou se angustiam com ele. É quando constroem a sua história pessoal, a formar suas identidades.

Tudo o que acontece nesse cotidiano, por mais insignificante que possa parecer, é importante na vida das pessoas. E é particularmente importante no caso das crianças e dos adolescentes que estão vivendo em um abrigo, devido às mudanças que ocorrem em seu dia a dia.

O ambiente institucional e as relações estabelecidas nele influenciam diretamente o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo – a construção das identidades e o projeto de futuro – de cada uma das crianças e dos adolescentes que vivem ali. A experiência institucional pode se constituir em fator de proteção, conforme determina o ECA²⁵, incentivando o desenvolvimento sadio da criança e do adolescente. Porém, pode também se constituir em fator de risco, inibindo o desenvolvimento deles, particularmente quando vivem ali novas situações de violação de direitos.

Nesse sentido, a organização do cotidiano e suas rotinas, responsabilidade dos adultos que trabalham no abrigo, pode facilitar ou dificultar o processo de desenvolvimento e de reparação de possíveis prejuízos que essas crianças e adolescentes já carregam em suas curtas histórias de vida.

25 ECA – Art. 101. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:
VII – abrigo em entidade.

Organizar e **manter uma rotina dentro da casa** é extremamente importante, pois promove estabilidade e gera segurança para as crianças e os adolescentes. Saber, por exemplo, que o banho será sempre no fim da tarde, depois da brincadeira, que o lanche é servido sempre às 16 horas ou que o limite para dormir é às 21 horas é bastante tranquilizador para elas, que às vezes testarão os limites e tentarão mudar as regras, mas se sentirão seguras e confiantes por haver uma rotina conhecida.

Quando as atividades do dia a dia acontecem sempre na mesma ordem, as crianças conseguem antecipar e prever o que virá e isso gera uma sensação de controle sobre os acontecimentos. Ter claro o que fazer e qual é o momento mais adequado ajuda a organizar o ambiente externo e também a organização interna das crianças e dos adolescentes.

É importante reconhecer que o abrigo congrega uma diversidade de histórias e biografias particulares que foram construídas em um cotidiano organizado de acordo com os costumes da família e a maneira própria de cada um cuidar e educar seus filhos. Agora, no abrigo, as rotinas necessariamente serão outras, porque lá convivem muitas crianças e adolescentes com idades e necessidades diferentes e, principalmente, porque os profissionais envolvidos têm a responsabilidade de garantir a todos os seus direitos.

A organização do cotidiano

Garantir que o planejamento do cotidiano, suas rotinas e regras contemplem o grupo como um todo – em sua heterogeneidade – e as necessidades individuais, por conta das singularidades presentes, mesmo em um grupo de irmãos, é um grande desafio.

O enfrentamento desse desafio é responsabilidade dos adultos. Nesse sentido, toda a equipe de trabalhadores – a cozinheira, o funcionário da limpeza, os educadores, os técnicos, a coordenação – tem responsabilidades e funções, passando a ocupar um lugar e a ter um sentido na vida da criança e do adolescente, no presente.

A provisoriedade do abrigo prevista pelo ECA²⁶ não justifica a organização precária do cotidiano. Para a criança e o adolescente, qualquer tempo que permaneçam ali será uma experiência significativa; e, quanto mais nova, a criança, é necessário considerar que o período de dias ou semanas tem importância, construtiva ou prejudicial, em sua experiência pessoal.

Além disso, há casos, em particular aqueles de suspensão ou destituição do poder familiar, nos quais a permanência no abrigo é mais prolongada. Isso é particularmente comum no caso de crianças mais velhas, adolescentes e grupos de irmãos. Esse é um motivo muito importante para que a equipe de profissionais do abrigo acompanhe o processo que está na Vara da Infância e Juventude. É fundamental acompanhar os desdobramentos dos casos porque isso afeta o cotidiano das crianças e dos adolescentes, por exemplo, quando eles não podem receber a visita dos pais ou responsáveis.

²⁶ ECA – Art 101 – Parágrafo único. O abrigo é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade.



Ao mesmo tempo em que vivem o cotidiano, muitas de suas condutas denotam que o que viveram antes da chegada ao abrigo está presente em suas preferências por café, na insistência em comer com a mão, na dificuldade de dormir no horário definido pelas regras da casa, na recusa em ir para a escola, em algumas cantigas que cantarolam, no sonho com o cachorro que deixaram em casa, no medo de dormir no escuro, no xixi que fazem na cama ou no apego excessivo a alguém que lembra outra pessoa especial que era personagem da suas biografias.

“Eles querem liberdade no abrigo porque lá na casa da mãe viviam soltos, ficavam na rua o tempo todo...”. Fátima, educadora do abrigo.

O passado no presente

As memórias que permaneceram nos sonhos, nas preferências ou nas perguntas explícitas sobre o passado ou o futuro precisam encontrar espaço para se expressar no cotidiano em suas mais diferentes formas. Necessitam ser expressas, acolhidas

e compreendidas. Isso quer dizer que os adultos que cuidam das crianças e dos adolescentes devem conhecer e compreender suas histórias, além de conectá-las à conduta deles, às vezes aparentemente sem sentido. O passado invade o presente, quer se queira ou não.

A criança, quando não sabe ou não compreende sua história, costuma reunir tudo o que lembra e “completar” as partes que não conhece ou entende com fantasias, **em uma busca constante de sentido para o que está vivendo**. Histórias imaginárias em relação à origem ou ao motivo do abrigo, por exemplo, são criadas. Com frequência, essas histórias imaginadas, “inventadas”, são mais terríveis que a história real e, também com frequência, a criança busca em sua própria conduta anterior (algo que fez) o motivo do abrigo.

É importante que o adulto saiba escutar o que a criança ou o adolescente diz, nomear, dar sentido à fantasia, ajudando-os a se relacionar com os acontecimentos reais – que, embora dolorosos, podem ser menos dramáticos do que aqueles fantasiados e mais esclarecedores da responsabilidade dos adultos – retirando-os da posição de culpado pela situação que vive.

27 *A família e o desenvolvimento individual*.
D. Winnicott. São Paulo, Martins Fontes, 2005. p. 207.

“A criança sabe tudo o que aconteceu, mas quer ser ajudada a ter consciência do conjunto. Isso lhe dá um sentimento bom e verdadeiro, ajudando-a a distinguir a realidade dos sonhos e brincadeiras imaginativas”. Winnicott ²⁷.

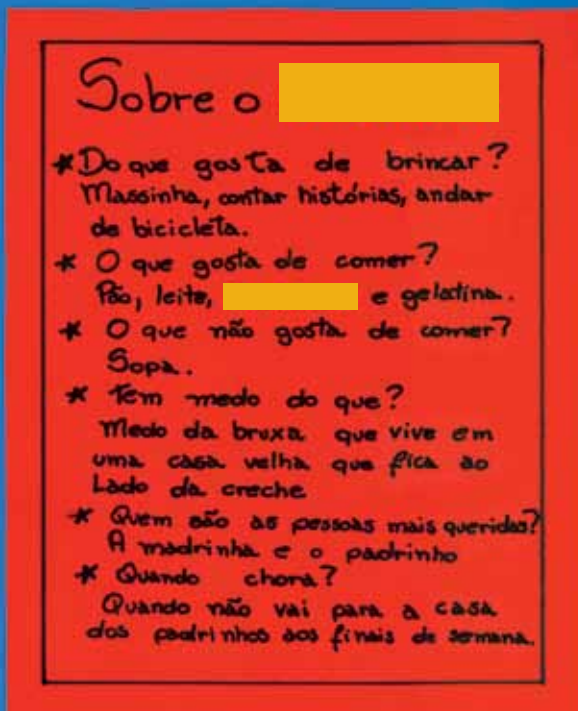
Por mais difícil que seja o passado de uma criança ou adolescente, aquela é sua história. Não conversar sobre essa história, preferir que eles esqueçam ou façam de conta que se esqueceram tem consequências desestruturantes para o desenvolvimento de sua identidade. Ajudá-la a resgatar ou conhecer a verdade sobre sua história pode torná-la “menos odiosa e mais fácil de ser formulada com muito tato” (Eliacheff, 1995, p. 52).

Lidar com o passado no presente é poder lidar com a criança e o adolescente em sua totalidade; é prevenir a emergência repetitiva do passado, como dificuldade, sintoma, patologia. Isto caracteriza o abrigo como um ambiente saudável, terapêutico, educacional, onde os abrigados não precisam, por exemplo, se envergonhar ou se sentir culpados por acontecimentos que motivaram o abrigo. Essa tarefa só pode se realizar com a ajuda dos adultos que convivem com as crianças e os adolescentes; adultos que em razão de seu trabalho adquirem importância afetiva na medida em que observam a criança e o adolescente, prestam atenção às suas necessidades, estão atentos às suas pequenas mudanças de humor e descobertas do dia a dia, dão-lhes colo e são firmes na vigilância de regras que existem para protegê-los e para facilitar o convívio coletivo.

“Depois que a gente ficou sabendo de mais dados sobre a vida deles, acho que ficou mais fácil de conversar e de entender o porquê daquela criança estar daquele jeito, o porquê de estar revoltada ou triste”. Fátima, educadora do abrigo.

Esses adultos também são, nesse momento da vida da criança ou do adolescente, responsáveis por oferecer outras vivências fora do abrigo: a escola, os amigos, o tratamento fonoaudiológico, psicoterápico ou odontológico, o bairro onde o abrigo está instalado, os primeiros interesses da adolescente por outros meninos, a primeira visita ao ginecologista, os namoricos e tudo aquilo que faz parte da vida da criança ou do adolescente que vive em um abrigo integrado à sua comunidade e à sua cidade.

“Trabalhar com criança de abrigo não é só dar comida, banho e roupa, porque se for só isso não serve. Você precisa entender as necessidades dela”. Graça, educadora do abrigo.



Nesse sentido, o abrigo é uma instituição situada em uma rede de serviços e programas, segundo o princípio da incompletude institucional, superando a concepção ultrapassada de que ele deve dar conta de todas as necessidades dos abrigados. O abrigo está integrado à comunidade local na qual a criança e o adolescente precisam transitar e conviver.

Relações com as famílias de origem

No trabalho do abrigo com as instituições e os grupos sociais da sua rede de parcerias e articulações, é importante prestar atenção nas relações com a família de origem da criança e do adolescente. Por muitos motivos: porque, mesmo quando foi suspenso o poder familiar e as visitas estão interditas, a família

permanece na lembrança e se expressa conduta da criança ou do adolescente; porque é um grupo possível e preferencial de retorno para ela; porque pode e tem o direito de tentar reverter a situação junto ao Poder Judiciário, ao Conselho Tutelar, e essas tentativas podem interferir na vida da criança e do adolescente, em seu futuro próximo ou distante.

Mesmo quando a suspensão ou destituição do poder familiar ocorre, não é possível determinar que as crianças e os adolescentes se desliguem da família. **A família está “dentro” dela, em sua bagagem, que precisa ser cuidada e arrumada.**

Sendo assim, a família de origem é também um grupo com o qual o abrigo precisa se ocupar. Segundo o ECA, é para lá que a criança e o adolescente deverão voltar, considerando a provisoriedade do abrigo como medida de proteção. Para garantir isso, a equipe do abrigo precisa ter indicadores objetivos de que os motivos que levaram ao abrigamento foram superados ou fazer os encaminhamentos necessários para a rede socioassistencial dessa família. O abrigo também precisa acompanhar as repercussões dos contatos familiares nas crianças e nos adolescentes. Se esse contato for bom, eles irão sofrer com a “nova” separação (após a visita) e, se não for, voltarão com o sofrimento atualizado.

O trabalho com a família sempre é importante, mesmo em casos nos quais o poder familiar foi suspenso, pois a família não se resume aos pais e responsáveis diretos. Em muitos casos, existem outros familiares – uma avó, uma tia, o padrinho – que exerciam também essa função e são referências objetivas e subjetivas de família para a criança e o adolescente. Por isso a necessidade de **um olhar mais delicado, atento e rigoroso sobre a dinâmica familiar** buscando perceber aspectos que, muitas vezes, o Poder Judiciário só irá ter ciência se o abrigo fornecer tal informação.

Outra instituição bastante relevante que faz parte da vida das crianças e os adolescentes tão logo chegam ao abrigo é a **escola**. A mudança de escola ou o iní-



FELIZ

- QUANDO EU TÔ BRINCANDO COM MEUS COLEGAS, COM MEUS IRMÃOS E ATÉ COM OS ADULTOS
- QUANDO EU TÔ ME DIVERTINDO, POR EXEMPLO [REDACTED] IR PARA CASA DA MINHA MÃE
- QUANDO SAIO COM O TIO ALAN – PRÁ CASA DELE [REDACTED]

cio da vida escolar, para aqueles que nunca a frequentaram, é outro grande acontecimento que requer adaptação, pois pode implicar mais dificuldades ou ser uma grande descoberta e fonte de satisfação para a criança ou o adolescente. Para que essa experiência, fundamental para o seu presente e futuro, seja bem-sucedida, é preciso que haja uma aceitação sem preconceitos por parte da escola. Esse é mais um trabalho para a equipe do abrigo: ir além do contato formal com a escola e estabelecer de fato uma rede de acolhimento; ser firme e exigente na garantia do direito da criança e do adolescente à educação²⁸.

O acesso aos bens culturais e artísticos da sociedade é outro direito²⁹ que enriquece o mundo da criança e do adolescente, dando-lhes novos elementos para pensar os acontecimentos, imaginar o futuro e aprender. Visitas a museus, teatros, cinemas e exposições fazem parte (ou deveriam fazer) do cotidiano da vida das pessoas e precisam estar incluídos também na rotina do abrigo. Dessa forma, superamos a ideia preconceituosa de que as necessidades básicas – comer, higienizar, dormir – são suficientes para o desenvolvimento saudável dos pequenos e dos adolescentes, e que o acesso ao bem cultural é um evento anual ou esporádico.

O cotidiano tem a riqueza das experiências que os ajudarão a superar positivamente as dificuldades e as adversidades que viveram e lhes propicia vivências que os ajudam a desenhar o seu futuro. 🌱

28 ECA – Art 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

29 ECA – Art 71. A criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.



TRISTE

- QUANDO ALGUMA PESSOA NÃO QUER BRINCAR COMIGO
- QUANDO ALGUÉM FICA ME XINGANDO



BRAVO


- QUANDO ALGUÉM ME BATE
- QUANDO EU SONHO, FALO DORMINDO, AÍ OS OUTROS FICAM RINDO DE MIM



Para saber mais

- *A criança, sua doença e os outros*. Mannoni, M. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1990.
- *A família e o desenvolvimento individual*. Winnicott, D. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- *Corpos que gritam*. A psicanálise com bebês. Eliacheff, C. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- *Febem, família e identidade*. Marin, I. S. K. São Paulo: Editora Escuta, 1999.
- *Plano Nacional de promoção, proteção e defesa do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária*.
www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/cedh/arquivos/pncfc.pdf.
- *Psicanálise e educação*. Questões do cotidiano. Sanches, R. M. São Paulo: Escuta, 2002.

Para as crianças

- *Agora não, Bernardo*. McKee, D. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
 - *Quando mamãe virou um monstro*. Harrison, J. São Paulo: Brinque Book, 1996.
 - *O patinho feio*. Andersen. Adaptação de Tatiana Belinky. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
 - *O pote vazio*. Demi. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- 



PONTOS IMPORTANTES

1

Organizar e manter uma rotina dentro do abrigo é extremamente importante, pois promove estabilidade e gera segurança para as crianças e os adolescentes.

2

A provisoriidade do abrigo não justifica a organização precária do cotidiano. Para a criança e o adolescente, qualquer tempo que permaneçam ali será uma experiência significativa.

3

As memórias presentes nos sonhos, nas preferências ou nas perguntas explícitas sobre o passado ou o futuro necessitam ser expressas, acolhidas e compreendidas.

4

Por mais difícil que seja o passado de uma criança ou adolescente, aquela é sua história. Não conversar sobre essa história, preferir que eles a esqueçam tem consequências destruturantes para o desenvolvimento de sua identidade.

5

A mudança de escola ou o início da vida escolar pode implicar mais dificuldades ou ser uma grande descoberta e fonte de satisfação para a criança ou o adolescente. É papel do abrigo fazer com que haja uma aceitação sem preconceitos por parte da escola.



capítulo 5

POR QUE É DIFÍCIL SABER?

Quando começou as atividades do Projeto Fazendo Minha História³⁰, em junho de 2006, Martim tinha três anos. No primeiro encontro, assim que viu o material gráfico (lápiz, papel, cola etc), disse: “É meu! É meu!”, insistindo em guardá-lo em seu próprio armário.

Em seguida, pediu para pegar um livro que estava no alto de uma estante. A capa do livro trazia um trator e um carrinho de pano. Martim convidou a colaboradora Valentina para brincar, propondo que ela fosse o trator, apelidado de “traturu”, enquanto ele seria o carrinho de pano. A brincadeira consistia em um ajudar a consertar o veículo do outro.

No final do encontro, Martim pediu que a colaboradora não fosse embora e, mesmo depois de ter sido informado sobre o funcionamento e a frequência dos encontros, engrossou a voz dizendo que iria quebrar o carro caso ela saísse. Na despedida, o menino agarrou-se à perna dela e chorou bastante. Já no terceiro encontro, ao ver a colaboradora, disse: “Minha Valentina chegou!!!”

Quando estava próximo de outras crianças, Martim fazia questão de ficar no colo de Valentina e brigava se alguém ameaçasse tomar seu lugar. No fim dos encontros, dizia frases como “Se você sair, você vai morrer!”, e ficava com muita raiva nos momentos de despedida.

Nos primeiros contatos, Martim demonstrava dificuldade para falar dos seus sentimentos. Diante de qualquer estímulo para fazê-lo, ficava bravo, engrossava a voz e franzia as sobrancelhas, dizendo que “a polícia estava lá fora” esperando pela colaboradora. As tentativas de tocar no assunto eram, muitas vezes, atropeladas e interrompidas por ele.

Nos encontros, Martim queria conhecer todas as possibilidades de exploração do mundo à sua volta. Para não perder nenhuma oportunidade, experimentava diferentes atividades simultaneamente, como a pintura, a massinha de modelar e os livros. Com frequência, preenchia todos os espaços disponíveis da sala deixando tudo “bagunçado.” Sempre tentava determinar o andamento do encontro escolhendo as brincadeiras e impondo seu ritmo frenético às atividades. Raramente aceitava uma proposta oferecida por Valentina, que, ao permitir a expressão de sua desorganização, conseguia se aproximar dele.

30 Em junho de 2006, o abrigo onde as crianças estavam estabeleceu uma parceria com o Programa Fazendo Minha História, do Instituto Fazendo História. Uma vez por semana, durante uma hora, cada criança teria garantido um espaço individualizado com uma colaboradora para resgatar e registrar a própria história por meio de brincadeiras, leitura de livros e da construção de um álbum com depoimentos, fotos e desenhos dos momentos de suas vidas.

Martim se interessava principalmente pelas imagens dos livros infantis, mas não deixava que eles fossem apresentados integralmente. Nos encontros, virava as páginas assim que a leitura se iniciava e se sentia confortável somente quando determinava o nome dos personagens e suas funções na história.

Num dos primeiros encontros, ao ver uma foto do padrinho tirada na festa junina do abrigo, disse, empolgado: “Olha, o Seu Crispim! O Seu Crispim!”. Martim não quis explicar a Valentina quem era Seu Crispim e qual a importância dele em sua vida. Radiante, apenas guardou a foto com muito carinho em seu álbum.

Em outro encontro, Martim rapidamente escolheu ler para a colaboradora um livro que fala sobre uma relação afetuosa entre mãe e filho. **Após a leitura, Valentina lhe perguntou o nome de sua mãe, ao que ele respondeu: “Minha mãe se chama Tia Neves.”** Neves é o nome de sua madrinha, mulher de Seu Crispim, que o mimava de muitas maneiras, por exemplo, comprando seu iogurte preferido e fazendo um bolo em formato de carro em seu aniversário de três anos.

Valentina disse que talvez ele não se lembrasse, mas tinha uma mãe e um pai que não eram a tia Neves e o seu Crispim. Martim imediatamente começou a gritar bem alto “nãããooo!!!” e, em seguida, começou a soluçar descontrolado. Assim que a crise de soluço passou, a colaboradora propôs que os dois montassem juntos uma cabana, ideia que o agradou. Ele então sugeriu que brincassem de “papai e filhinha”: ele no papel de pai e Valentina no de filha. Durante a brincadeira, quando a filha pede algo ao pai, ele diz que ela deve pedir à mãe. Além disso, não aceita que a filha lhe peça mais comida e, bravo, manda-a dormir.

Quando decidiu mudar de brincadeira, pediu a massinha de modelar. Com ela, fez dois bonecos: um representando o pai e outro, o filho. Matou e ressuscitou muitas vezes os bonecos.

No final do encontro, deu muitos beijos e abraços na colaboradora.

Valentina buscava mostrar, em outros encontros, que, apesar de gostar muito dos seus padrinhos, Martim tinha um pai e uma mãe, embora não tivessem autorização para vê-los. Nesses momentos, o menino ameaçava cortar a língua da colaboradora e começava a gritar para não ouvir o que ela lhe dizia. Sempre que descobria um dado novo de sua história, revirava o lugar, deixando tudo bastante desorganizado.

De início, os desenhos feitos por Martim não tinham forma determinada. Eram rabiscos que ultrapassavam os limites da folha ou manchas de tinta que demoravam dias para secar. Ele não conseguia definir o que os desenhos significavam e sempre pedia que Valentina lhe fizesse imagens específicas, como o carro do padrinho, o jacaré da história, as mãos dos dois, afirmando ser incapaz de fazê-los sozinho.

Em certo encontro, depois de ler *O livro da família*³¹, a colaboradora lhe perguntou o nome dos seus irmãos. Diante da confusão do garoto, ela mesma disse os nomes. No entanto, Martim continuou a lista, citando também os nomes das

31 *O livro da família*.
Todd Parr. São Paulo. Editora:
Panda, 2003.



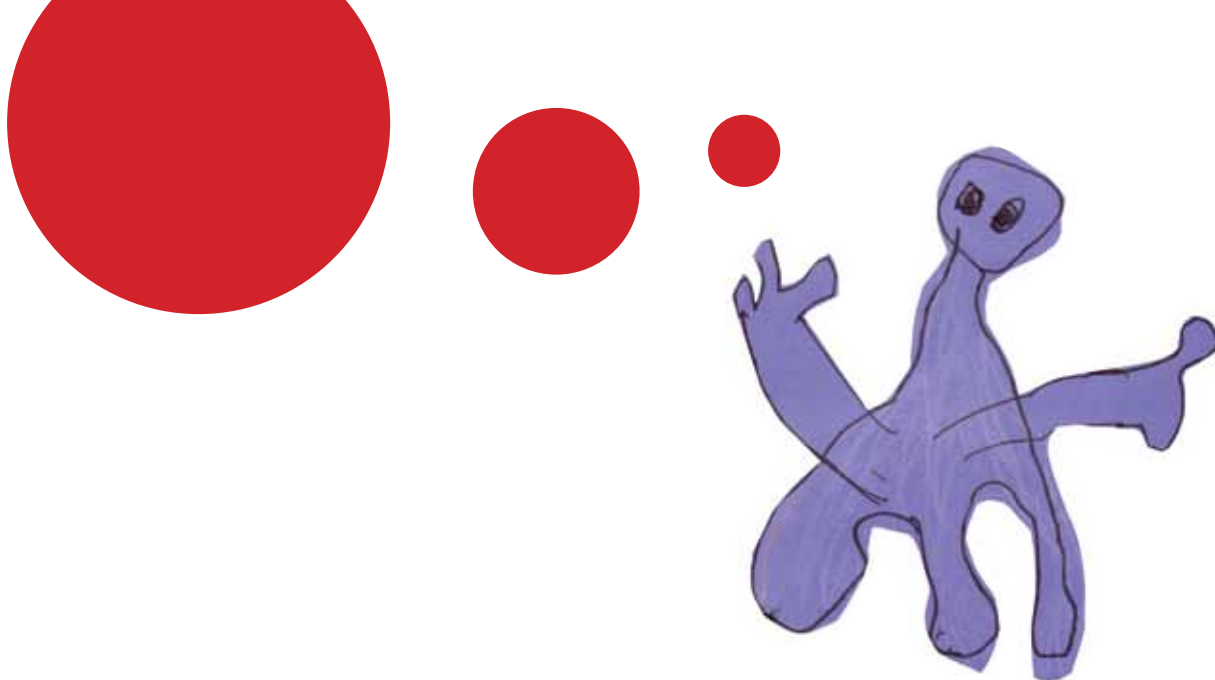
outras crianças do abrigo. **Valentina, então, percebeu que o menino não sabia a diferença entre irmão biológico e amigo, e tentou esclarecer.**

Nos três primeiros meses de trabalho, Martim fez questão de realizar todas as atividades: história, massinha, brincadeiras, desenho e pintura. Se seu horário com Valentina estava para acabar sem que tivessem feito todas as atividades, ele afirmava: “Não podemos acabar, ainda não contamos uma história!”, por exemplo.

Por volta do quarto mês de trabalho, em outubro de 2006, Martim já sabia exatamente qual era o dia do encontro com a colaboradora. Assim que chegava da creche, ia correndo bater na porta da sala onde aconteciam as atividades para, ansioso, avisá-la de que já chegara.

Próximo do fim dos encontros, Martim fazia de tudo para estender o horário. Trancava a porta da sala, jogava a chave pela janela e pedia para Valentina levá-lo com ela para casa imaginando que lá teria “coelho e cavalo”. Curioso, perguntava e ela cuidava de outras crianças ou se escondia seus filhos. Fora da sala de atividades, ficava bravo quando a colaboradora dava atenção à outra criança, afirmando: “Tia Valentina solta ele, você é minha”.

Em um dos encontros, Martim não aceitou a atividade proposta. Em vez disso, escolheu uma porção de livros, quase todos para crianças mais velhas. Apesar de alguns deles não terem sido lidos nos encontros anteriores, o menino sabia o nome e a história de todos. Quando Valentina ofereceu ajuda para pegar os livros, ele respondeu que gostaria de fazer tudo sozinho e não a deixou se aproximar da estante. Durante a leitura, quando Valentina perguntou novamente o nome de sua mãe, Martim não respondeu. Agitado, encerrou a leitura e pediu para brincar de cabana falando que ele seria o pai e ela, a filha.



Quando Valentina tirou uma fotografia dos oito irmãos juntos e mostrou para Martim, ele proibiu qualquer tentativa de falar sobre a família e solicitou a leitura de livros.

As histórias infantis agradam Martim e se mostram úteis para que ele expresse seus pensamentos e sentimentos. Em determinados encontros, pediu a leitura do livro *Um monstro debaixo da cama*³², lembrando que nele aparece a personagem de uma mãe. Perguntou também por que em *Bililico*³³ só são mostradas as pernas da mãe e questionou sobre as diferentes organizações familiares durante a leitura do *Livro da Família*. Sozinho, era capaz de contar toda a história de *Bruxa, Bruxa, venha à minha festa*³⁴, interpretando com os olhos arregalados o personagem mais assustador.

Certo dia, Valentina experimentou contar a história de vida dele através de uma narração fictícia. “Agora vou contar para você, Martim, uma história que não está em nenhum livro. É a história do João, um garoto muito valente que queria descobrir por que morava tão longe dos pais. João, ainda bebê, e seus irmãos mais velhos foram separados de seus pais, que não tinham como cuidar deles. Eles foram morar juntos em uma nova casa bem longe, onde eram cuidados por adultos que, inicialmente, eram desconhecidos. Neste lugar havia outras crianças na mesma situação de João, crianças que também não podiam viver diariamente junto de seus pais. O tempo passou, João foi se acostumando com a nova casa, fazendo novos amigos e conhecendo adultos especiais. Hoje em dia, com três anos de idade, ele não consegue se lembrar muito bem de seu pai e de sua mãe. Vive pensando: quem será que é minha mãe? Será que é aquela mulher especial que me leva pra casa nos fins de semana? João está meio confuso em relação à sua origem... Ele deseja muito ter pais presentes em sua vida, porém eles continuam vivendo longe porque não conseguem oferecer os cuidados que ele necessita para crescer e ser um garoto forte e valente.”

³² *Um monstro debaixo da cama*. Angelika Glitz e Imke Sonnichsen. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

³³ *Bililico*. Eva Furnari, Denize Carvalho e Sonia Dreyfuss. São Paulo: Editora Formato, 2001.

³⁴ *Bruxa, Bruxa venha à minha festa*. Arden Druce e Pat Ludlow. São Paulo: Editora Brinque Book, 1995.

Com outros personagens, dados importantes de sua história foram revelados naquele momento por Valentina. Martim ouviu atentamente a narrativa e disse: “Agora é minha vez de contar uma história para você! Era uma vez uma tia Valentina que contava histórias...” **Imediatamente a colaboradora sorriu, compreendendo que Martim percebera que a história tratava da sua vida!** Ele a abraçou e exigiu um tempinho de colo. A partir de então, Martim passou a aparentar mais tranquilidade. No final, pediu ajuda para desenhar o carro e a perua escolar do Seu Crispim, e depois brincou de papai e filhinha.

Em outubro de 2006, Magda, então com 11 anos, compareceu ao Fórum e confirmou as agressões e o abuso praticados pelo pai. Também disse que gostaria muito de encontrar os pais. As visitas familiares continuavam proibidas e o juiz considerava que a adoção seria a melhor opção para as crianças. A equipe técnica do abrigo se posicionou contrária a esse parecer argumentando ser extremamente improvável a adoção de um grupo de oito irmãos e, como o vínculo entre eles era muito intenso, a possibilidade de separá-los não deveria ser cogitada.

Os oito irmãos estavam muito agitados no abrigo. Os mais velhos diziam que queriam ficar na rua e ter a mesma liberdade que gozavam na casa dos pais. Começaram então a dizer que gostariam de fugir.

A instituição aos poucos se sensibilizou para a importância de abordar as histórias de vida das crianças e percebeu que o comportamento delas podia estar relacionado à falta de informações. Por isso, em outubro de 2006, entendeu que já estava na hora de contar aos irmãos o motivo de estarem afastados dos pais.

Magda foi a primeira a saber a razão do abrigamento, por meio da assistente social e da psicóloga da instituição. Também soube das visitas realizadas à família e do nascimento de mais um irmão, Victor. No início da conversa, Magda permaneceu calada. Aos poucos, contou que muitas vezes teve vontade de ligar para a polícia quando morava com os pais e se emocionou ao falar da saudade que sentia deles. Chorou muito no restante do dia. No final da tarde, deslocou o joelho e teve que engessar a perna. Mais tarde, contou para uma das educadoras que sofria abuso sexual do pai desde os seis anos.

No dia seguinte, os educadores da casa deixaram Magda a vontade para ir ou não à escola. Ela optou por ir e depois participou da conversa entre a equipe técnica e seus três irmãos mais velhos. Quando o motivo do abrigamento foi abordado, Magda e Peter se entreolharam. Em seguida, a menina permaneceu o tempo todo com as mãos no rosto, enquanto os outros irmãos davam muita risada, sendo que Denis andava de um lugar para o outro. Na mesma conversa, falaram sobre o nascimento de Victor e, ao final, Magda disse que dali em diante iria perguntar todos os dias sobre os pais.

Certo tempo depois, em uma visita, as técnicas do abrigo tiraram fotos de Madalena, do bebê Victor e dos avós das crianças, Matilde e Agenor. A avó mandou, através dos profissionais, lembranças para todos os netos e pediu que dissessem que

estava com muitas saudades deles. Madalena convidou a equipe técnica para o aniversário de um ano de Victor e disse que gostaria muito de que ela levasse um pedaço de bolo para seus filhos.

Alguns dias depois, a assistente social, a psicóloga e um dos educadores do abrigo reuniram os oito irmãos para entregar as lembranças que a mãe e a avó mandaram, retomaram a explicação do motivo do abrigamento e deram notícias do restante da família.

Nessa conversa, todos ficaram sabendo da existência do irmão mais novo. Enquanto as técnicas falavam, as crianças permaneceram em silêncio. Depois da notícia, demonstraram diferentes reações. Martim não desgrudou os olhos da foto da mãe e do irmão. Robert ficou indignado e não aceitava que “aquele” na fotografia fosse seu irmão. Estefany ficou envolvida com os presentes que ganhou da mãe e da avó. Cindy recebeu de volta a boneca com a qual brincava quando morava com a família e, junto com Magda e Denis, entusiasmou-se bastante com a chegada de Victor. Ao mesmo tempo, os três falaram da saudade que sentiam de casa e do desejo de estar com a família. Peter pareceu surpreso com o novo irmão e triste por estar longe dos pais. Martim, assim como Estefany, Michel e Robert, ficou muito bravo com a novidade. Ele voltou a fazer xixi na cama e se recusava a usar os talheres para comer. Michel começou a demonstrar ciúmes do irmão mais novo, assumiu o comportamento de um bebê e ficava nervoso com os padrinhos e educadores. Estefany tinha momentos em que se mostrava mais agressiva.

Uma semana depois, Michel perguntou quando a mãe iria visitá-lo. Esperando que ela pudesse aparecer em algum final de semana, deixou de frequentar a casa da madrinha. A assistente social explicou, então, que sua mãe não iria, já que havia a proibição do juiz.

As crianças passaram a falar mais sobre a família, suas lembranças e sentimentos e pareciam mais aliviados, esperançosos e tranquilos por saber que os familiares não tinham se esquecido deles. Além disso, sabiam agora o motivo de estarem no abrigo. Verbalizavam que sentiam falta dos pais, que queriam conhecer o irmão e receber visitas.

Magda, assim que leu a carta em que a mãe se desculpava pelo acontecido, chorou muito. Trancada no quarto, ela demonstrava uma mistura de sentimentos, como alegria, tristeza e saudades. Na resposta à carta, falou detalhadamente de cada irmão.

A partir desse momento, começaram a circular pelo abrigo dados da história dos oito irmãos. Os funcionários tomaram conhecimento de fatos da vida das crianças, que passaram a ter notícias e a se comunicar com a família por meio de cartas. Os irmãos ficaram extremamente ansiosos esperando por elas e, assim que chegavam, queriam logo respondê-las.

Nessa etapa da história, Madalena acreditava que o melhor para seus filhos seria permanecer no abrigo, já que tinha visto fotos deles durante uma visita das

técnicas do abrigo e, emocionada, havia comentado que eles estavam crescendo bonitos e bem cuidados. Ao ver uma foto de Magda, comentou como ela estava bonita e afirmou que tinha medo que a filha voltasse para casa, pois não sabia o que Adônis seria capaz de fazer.

No abrigo, as crianças já se mostravam integradas ao novo ambiente, mas continuavam perguntando pelos pais. Magda, agora com 11 anos, tem se mostrado um pouco mais receptiva às regras do abrigo. Mas tem provocado reclamações de pessoas com quem convive por suas atitudes sexualizadas. Meninos do Núcleo Sócio Educativo vão ao abrigo reclamar que Magda é “safada”, que mostra os peitos para eles; seu irmão se incomoda quando ela lhe mostra a vagina, querendo saber se ele também já tem pêlos no púbis. Educadores comentam que Magda costuma escrever obscenidades atrás da porta do banheiro e alguns de seus professores pedem ajuda aos funcionários do abrigo para lidar com o comportamento erotizado de Magda em relação aos meninos da classe. Ela se destaca em matemática na escola e foi convidada para ser assistente da professora nessa matéria. Na leitura e escrita, apresenta dificuldades. Em alguns momentos, fica triste e isola-se do grupo, e, quando algum adulto se aproxima, ela fala da saudade de seus pais e da vontade de conhecer o irmão mais novo. Continua em psicoterapia.

Estefany, 4 anos, gosta de conversar, interage e brinca bastante com as outras crianças do abrigo, principalmente com seus irmãos Robert e Michel. Já consegue dormir mais tranquila.





Michel, 5 anos, é o primeiro a levantar de manhã, e assim que se arruma, corre para ajudar seu irmão Martim. É carismático e se dá bem com todos no abrigo e na creche.

Robert, 7 anos, demonstra se esforçar para aceitar as regras dos espaços em que convive. Tem dificuldade para assumir seus erros, parece estar sempre inseguro em relação aos seus atos e produções. Tem um cuidado todo especial com a aparência, gosta de estar sempre bem-vestido e com cabelo cortado. Está deixando de brincar sozinho e interagindo mais com o grupo.

Denis, 8 anos, é afetuoso e sociável, gosta de jogar futebol e empinar pipa. Apresenta dificuldades na escola e necessita acompanhamento individualizado. Assim como Robert, é vaidoso e está sempre atento a sua aparência. Gosta de estar perto dos irmãos e tem, como companheiro nas brincadeiras, seu irmão Peter.

Cindy, 9 anos, demonstra estar sempre alegre e é uma menina delicada. Fala sempre da saudade que sente da família e da vontade de voltar para casa; apresenta dificuldades na escola.

Peter, 10 anos, interage facilmente com as crianças e adultos de seu convívio. Participa das atividades com interesse e tem se dedicado muito aos estudos, gosta de mostrar seu caderno aos educadores do abrigo, com elogios das professoras. Assim como Robert e Denis, é vaidoso.

Martim, 3 anos, é alegre e consegue cativar as pessoas que estão a sua volta. É afetuoso com os adultos e com os irmãos. Frequenta a creche, está adaptado ao grupo, e demonstra interesse pelas atividades escolares. 🌱

texto para reflexão

O BRINCAR

“*Brincadeira, choradeira, pra quem vive uma vida inteira Mentirinha, falsidade, pra quem vive só pela metade.*”

“*Pé de Nabo*”, de Sandra Peres e Luiz Tatit.
CD Pé com Pé, Gravadora Palavra Cantada.

Quem não se lembra das brincadeiras da infância? E dos livros e das histórias contadas pelos adultos? Sem dúvida, essas lembranças importantes, ficam guardadas na memória e passam de geração em geração construindo, assim, um fio da história, a identidade cultural de um grupo.

“Sempre quando era sábado, a gente ficava até o outro dia de manhã brincando na rua, andando de bicicleta, brincando de pega-pega, esconde-esconde ou ficava na casa dos amigos”. Magda, 13 anos.

A **brincadeira** é uma atividade espontânea, sem objetivos específicos, associada ao bem-estar, prazer e alegria. É uma atividade necessária e fundamental para o desenvolvimento físico e emocional das crianças. Ela acontece em um lugar onde “tudo é possível” e a criança é “quem manda.” Na brincadeira³⁵, é possível transformar um pedaço de pau em carro, ser a mãe e brigar com sua boneca, ser professora, ser adulto ou bebê, fada, lobo mau, princesa, príncipe, pai, matar e ressuscitar alguém, ter um cachorro, um papagaio, um irmãozinho, comer sorvete com macarrão, ser bem mandão e bravo.

Através da imaginação, da fantasia, do faz de conta, **as crianças experimentam diferentes formas de ser, pensar e agir** – suas e dos outros; também expressam conflitos, sentimentos, medos e desejos de forma simbólica. Na brincadeira, a criança pode manipular e colorir fenômenos externos de acordo com suas fantasias, dominar suas angústias e controlar suas ideias assustadoras na medida em que as expressam.

Uma criança que brinca com uma boneca que está doente e a leva ao hospital pode, por exemplo, afastar-se da dor que sente e viver a situação de um outro lugar, do lugar de quem cuida e quer que a dor diminua. Pode entrar em contato

³⁵ As atividades de expressão gráfica, particularmente aquelas não diretivas, como pintar e desenhar são entendidas aqui como brincadeiras.

com uma dor que “não é dela”, mas da boneca, e, ao mesmo tempo, identificar-se com ela por ter vivido uma situação de sofrimento. Então, se observarmos com cuidado e delicadeza essa cena, poderemos entender como a criança foi cuidada ou como deseja/precisa ser cuidada.

O brincar como indicador

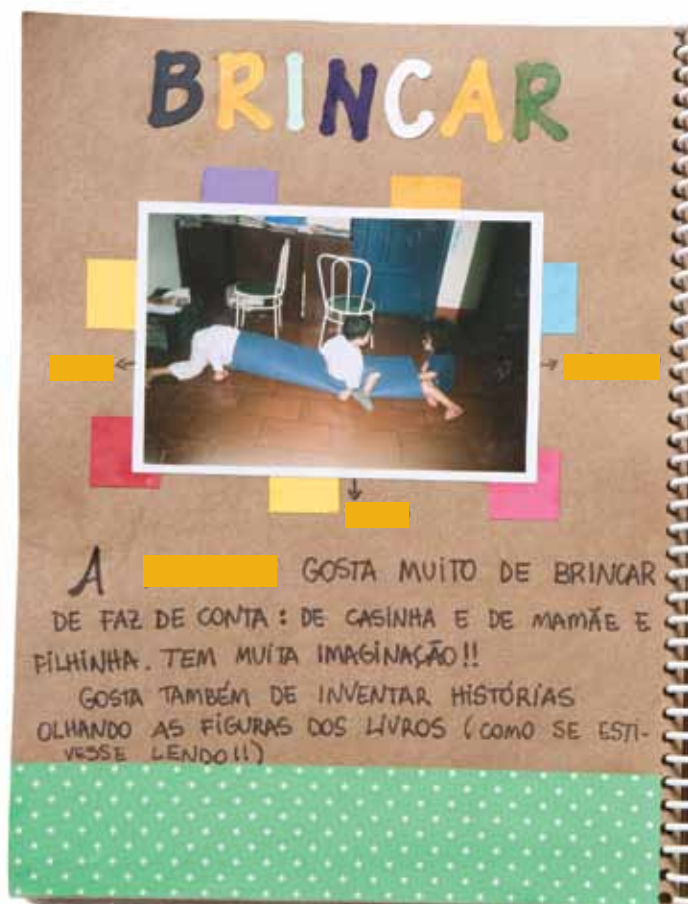
Ao brincar, a criança recria situações do passado ou do presente e, distanciada da situação concreta e do mundo real, coloca seus conflitos sob o domínio da sua criatividade – na brincadeira, ela tem o controle da situação, é “ela quem manda” e, assim, encontra a possibilidade de revivê-las de outras maneiras. Pode, por exemplo, não ser o sujeito passivo da situação que viveu e ter controle sobre ela invertendo as posições do adulto e da criança; pode matar alguém de quem sente raiva e depois ressuscitá-lo, porque também o ama.

Algumas brincadeiras, aos olhos desavisados dos adultos, podem parecer assustadoras, por conter elementos violentos e mórbidos. Isso, porém, deve ser entendido como necessário e importante para o desenvolvimento da criança, que tem necessidade de expressar todos os seus sentimentos, inclusive aqueles que consideramos perturbadores.

Maud Mannoni, em seu livro *Amor, ódio e separação* (1995), defende a ideia de que tudo o que a criança expressa é produto do que ela viveu em determinado momento: como cena real, ideia ou sentimentos decorrentes da cena. É brincando com a “realidade de dentro e de fora”³⁶ que a criança cria oportunidade de suportar o mundo em que vive evitando a negação de suas experiências e sentimentos e buscando alternativas, outras formas de compreender e viver o seu cotidiano.

O brincar da criança é um importante indicador do seu estado de saúde

³⁶ “Dentro” refere-se ao mundo interno, mundo das fantasias, dos pensamentos e sentimentos; “fora” refere-se aos acontecimentos objetivos que compõem seu mundo próximo e suas experiências.

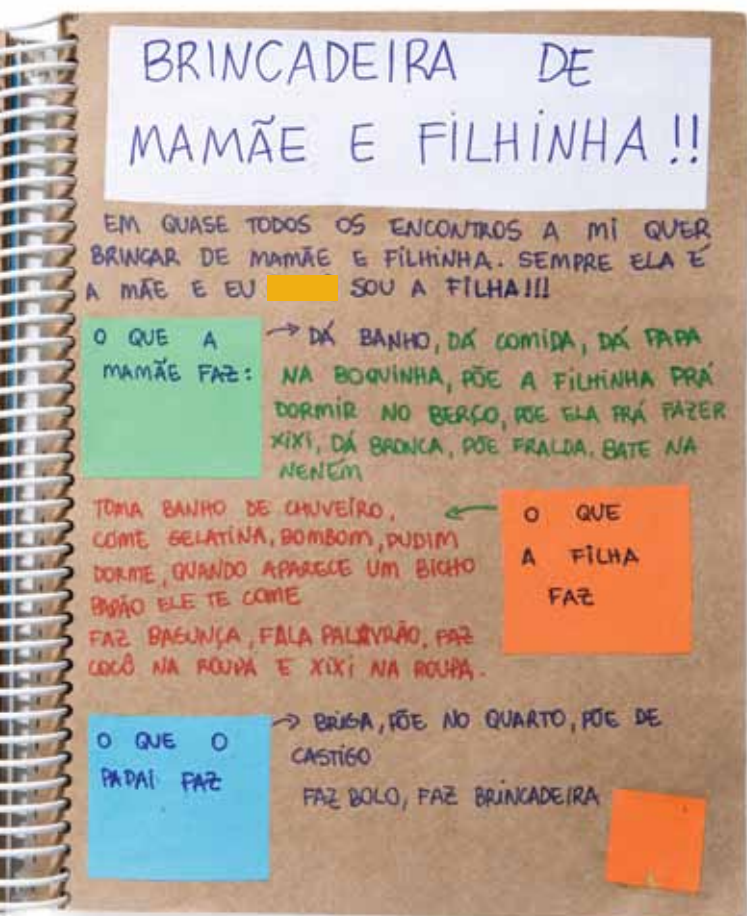


psíquica. A capacidade de brincar tem relação com a qualidade das experiências vividas e com os benefícios ou prejuízos dessas experiências para o seu desenvolvimento.

Assim, **a criança que não brinca é sempre motivo de preocupações**, porque a ausência dessa capacidade revela algo: a falta de estímulo (que começa com as “brincadeiras” dos adultos com o bebê que acabou de nascer); a submissão a uma situação de educação excessivamente controladora, na qual a criança não pode sair da posição passiva (a criança que é “treinada” a ficar na frente da TV porque dá menos trabalho); o adocimento físico que retira, da maioria das crianças, a disposição e o interesse, o que pode ser intensificado quando a doença é prolongada ou exige isolamento; as experiências prolongadas de sofrimento ou as experiências traumáticas que prejudicam o desenvolvimento de recursos internos – cognitivos, emocionais – e/ou interferem em suas lembranças e capacidade de se expressar; ou certa intensidade de desorganização pessoal que a impede de investir em algo, por exemplo na brincadeira.

Nesses casos, é importante que haja um adulto com disponibilidade para ensiná-la a brincar; incentivá-la e despertar nela o desejo de criar, fantasiar, imaginar, sonhar; **construir um ambiente lúdico que a ajude a entrar em contato com o que viveu**; aproveitar as oportunidades do brincar para introduzir elementos da realidade na fantasia delicadamente; ou, ao constatar que a criança precisa de alguma ajuda especializada, encaminhá-la para um tratamento mais adequado. As histórias infantis se mostram um instrumento privilegiado para isso: é possível ouvir, reinventar a história, mudar os personagens, transformar o “final infeliz” em feliz, ou vice-versa.

O adulto pode facilitar ou proporcionar condições para que a criança brinque. No abrigo, com suas rotinas coletivas e a multiplicidade de tarefas do cuidar, a convicção sobre a importância do brincar é mais relevante. Isso fica evidente na reserva do tempo que o adulto



deixa para isso nas rotinas, estando disponível para compartilhar a brincadeira e oferecendo espaço físico, materiais e brinquedos. Isso também é trabalho. Ou seja, a proposta de atendimento do abrigo – seu projeto – já revela a concepção sobre a importância do brinquedo, do brincar e da brincadeira na formação das crianças.

As fases do brincar

Esse trabalho pode ser realizado com maior competência e proveito se os adultos, além de compreenderem a importância do brincar no desenvolvimento infantil, tiverem uma noção mais precisa do funcionamento desse processo ao longo da infância e se conseguirem, também, recordar os efeitos disso (presença ou ausência do brincar) em sua própria infância.

É importante saber que bem antes de a criança adquirir a linguagem, instrumento que lhe permitirá compartilhar e socializar ideias e sentimentos, ela já consegue transmitir o que quer por meio de várias outras formas de comunicação, inclusive do brincar: os encaixes, a preferência por sons e cores, a manipulação dos objetos, o esconde-esconde. É seu modo de se apropriar do mundo e compreender os efeitos que suas ações produzem nele. **O berço, o quarto, a casa, o mundo. Tudo é experimentação.** O brinquedo e o brincar são estímulos para o seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, se observamos a criança – enquanto brincamos com ela – já vamos sabendo mais sobre ela. Aquela brincadeira que se repete ou a que ela evita nos dão pistas sobre quem é essa criança.

A aquisição da linguagem, por volta dos dois anos, e a ampliação de seu repertório transformam a brincadeira, pois agregam a ela a capacidade de compartilhar ideias e sentimentos, além de permitir que o outro (criança ou adulto) também participe e interfira na brincadeira. É nessa troca que se intensifica o processo de socialização, de acesso ao mundo da cultura.

Nos primeiros anos de vida, é comum que as crianças brinquem mais sozinhas e, aos poucos, a atividade em grupo se torna a escolha principal. Nessa passagem, é interessante observar a criança “falando sozinha” (os monólogos). Durante algum tempo, a criança brinca com outras crianças, mas o faz sozinha; ou seja, ela gosta de estar próxima, trocar ou “tirar” os brinquedos, incluir às vezes o outro na sua brincadeira, mas a brincadeira não é do grupo, é dela. É por isso que, muitas vezes, os poucos brinquedos provocam brigas e confusão: ela ainda não sabe dividir, está aprendendo a esperar e não consegue se colocar no lugar do outro.

A interação com outras crianças

À medida que a criança vai se desenvolvendo – e a brincadeira é uma oportunidade preciosa para isso – ela e as outras crianças do grupo vão se beneficiando da possibilidade de desenvolver a imaginação e a criatividade, decidindo o que, onde, com quem e como querem brincar. A interação entre as crianças é condição para seu desenvolvimento, para aprender a negociar, ceder, se impor, esperar, cooperar, perceber e aceitar as diferenças. O papel do adulto é fundamental para mediar as dificuldades, lançar um olhar atento e interessado mais ao que ocorre e muito menos com a intenção de dirigir ou impor determinadas brincadeiras.

A participação do adulto supervisionando as brincadeiras das crianças em um abrigo é importante por vários motivos:

- no cuidado, evitando situações de perigo, como o risco de cair de uma árvore;
- no estímulo à brincadeira para as crianças menos ativas;
- na demonstração de brinquedos e brincadeiras novas;
- na intervenção em situações de conflito;
- no estabelecimento de regras mínimas – por exemplo, não pode bater no colega, tem de guardar os brinquedos no final;
- participando das brincadeiras das crianças – “ser a filhinha”, a que vai experimentar as “comidinhas”, ou ouvir a história que a criança vai contar – desde que “se deixe levar” pelas fantasias das crianças, as incentive e aceite as mudanças determinadas por elas. A dona da brincadeira é a criança, e não o adulto.

É importante considerar que, a partir do momento que as crianças realizam uma atividade sem interesse ou por ordem de alguém, elas não estão mais brincando.

A brincadeira é uma atividade prazerosa, e não uma obrigação; um espaço de



criação, e não de decisões rigidamente estabelecidas. Portanto, cabem as sugestões dos adultos desde que acatadas pelas crianças. O abrigo precisa incluir tempo livre na rotina das crianças. Tempo para brincar, com espaço, brinquedos acessíveis e adultos disponíveis.

Neste caso, estamos nos referindo à brincadeira como atividade espontânea que pode ocorrer com a definição de horário e local. Há também a brincadeira dirigida, na qual o papel do adulto é mais ativo, de proponente da brincadeira, e que também tem seus benefícios na aprendizagem da criança: amplia seu repertório cognitivo, emocional, social e pode vir a ser, também, um espaço de expressão.

“Destruição” dos brinquedos

Uma queixa frequente nos abrigos e usada para justificar a ausência de brinquedos nos aposentos, ou sua permanência em uma sala-depósito, é a de que as crianças os “destroem.” A “destruição” dos brinquedos precisa ser vista por vários ângulos, pois podem ter diferentes motivações. Vejamos algumas possíveis:

- as crianças não foram orientadas pelos adultos sobre o funcionamento do brinquedo;
- as crianças revelam com seu “pouco cuidado” o modo como na casa os adultos lidam com os demais objetos ou mesmo com os brinquedos (as peças perdidas do quebra-cabeça vão para o lixo na hora da faxina);
- em algum momento, pode surgir a curiosidade pelo “funcionamento interno” dos brinquedos e isso faz com que a brincadeira seja a desmontagem do brinquedo, o que acaba por quebrá-lo e/ou inutilizá-lo. Nessas situações, a interferência do adulto deve ser ponderada, porque ele precisa considerar que o brinquedo é de uso de todos e, ao mesmo tempo, sua intervenção não pode inibir a curiosidade da criança;
- não há um adulto que ensine regras mínimas para a hora do brincar (por exemplo, guardar os brinquedos no mesmo lugar, pegar um quebra-cabeça de cada vez para não misturar as peças etc.);
- a criança projeta no brinquedo um sentimento de raiva e aí podemos dizer: “Que bom que ela cortou a língua do boneco e não da Valentina!” ou “Melhor ela quebrar a roda do carrinho do que não chutar o colega”.

Tais situações são preciosas para auxiliar a criança a nomear o que está ocorrendo e ajudá-la a reparar o que acabou de fazer, seja ajudando-a a consertar ou consertando o brinquedo para ela; ou seja, demonstrar que, em muitas situações, aquele sentimento de raiva é legítimo e pode ser transmitido através da palavra. E aí entram, por exemplo, as histórias infantis... 🧸

texto para reflexão

OUTRAS HISTÓRIAS OS LIVROS

“

Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Os outros são extensões do corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões da vista; o telefone é a extensão da voz; temos o arado e a espada, extensões do braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação.”

Jorge Luis Borges (1899-1986), escritor argentino.

No livro *Curando com histórias* (2005), Gilberto Safra nos lembra que as histórias são utilizadas pela humanidade, ao longo dos tempos, com objetivos medicinais, educativos, religiosos e filosóficos. Todos os povos, todas as comunidades humanas têm suas próprias histórias e mitos, que revelam e transmitem uma visão do mundo físico e social, seus valores fundamentais, auxiliam na elaboração das angústias dos membros dessa comunidade e, desse modo, revelam e conservam sua identidade cultural. Na cultura hindu, por exemplo, oferecia-se um conto a uma pessoa desorganizada, em sofrimento, para que ela pudesse refletir e ser curada por esse processo. Já os sufis³⁷ utilizam contos para que os discípulos possam superar seus conflitos existenciais e religiosos. Os índios caiapós, que vivem na Amazônia, passam oralmente, de geração a geração, a história da criação do mundo e o lugar do índio e do mal nessa visão, buscando uma organização simbólica do mundo e um sentido para a vida.

As histórias abordam questões fundamentais da existência humana, nos quais a temporalidade é contemplada nas narrativas com começo, meio e fim. Elas têm sempre algum significado e podem tocar, com mais ou menos intensidade, algum “lugar” – ideia ou sentimento – desconhecido em nós. Essa mobilização diz muito de nós mesmos, de nossas vivências e sentimentos, porque demonstra que houve alguma identificação, mesmo que não saibamos discriminar e verbalizar qual seja. Assim também acontece com as crianças e os adolescentes.

A linguagem acessível das histórias infantis e juvenis faz com que as crianças e os adolescentes se identifiquem com determinados personagens, com seus conflitos, “se vejam” em determinadas situações, vislumbrem outros modos de lidar com acontecimentos e superar conflitos equivalentes àqueles que vivem ou viveram.

³⁷ Praticantes do sufismo, corrente mística e contemplativa do Islã. Os sufis procuram uma relação direta com Deus através de contos, músicas e danças.



Os livros também apresentam às crianças e aos adolescentes muitos assuntos e outros “mundos”: conhecer um lindo castelo, atravessar uma assustadora floresta, saber que as famílias são muito diferentes, como enfrentar enormes perigos e o medo, como cultivar um grande amigo, saber que outras pessoas também choram e ficam com raiva e saudade com a perda de alguém querido. **São muitos elementos que vão ampliar seus recursos de fantasiar, imaginar, criar, pensar e sentir, impregnando-se em seu modo de ser, em sua identidade.** A criança e o adolescente – o adulto, também – identificam-se com os personagens das histórias que fazem parte de suas memórias e eles se transformam em boa lembrança.

Os adultos, no senso comum, têm compreensões e reações muito diversas em relação às histórias infantis ou juvenis que julgam ter proximidade com a história de vida da criança ou do adolescente, particularmente quando essas histórias são dolorosas. Por exemplo, consideram que a história do “Rei Leão” ou “João e Maria” devem ser evitadas no abrigo porque evocam a separação ou abandono dos pais. Portanto, acreditam que as histórias devem ser evitadas porque os remetem ao mundo real – um passado próximo ou circunstâncias atuais – no qual não querem tocar ou falar por supô-lo muito doloroso. E o que dói deve, se possível, ser esquecido. Outros temem que as histórias e seus mundos imaginários afastem as crianças e os adolescentes da realidade, do mundo que os cerca, já que apresentam um mundo mágico – fadas, duendes, príncipes e bruxas – e de fantasia. Independentemente do temor e das convicções do adulto, é possível afirmar que, **para crianças e adolescentes, o mundo interno e imaginário é tão real e importante quanto o mundo externo.** Com frequência, esses temores se fundam na dificuldade dos próprios adultos, no abrigo, em abordar a história de cada criança que, em muitos casos, é de fato bastante dramática e dolorida. Contudo, a vantagem da história infantil é justamente esta: poder começar a “falar” dessa história de outro modo, deixar a criança “pegar” da história aquilo que lhe é possível naquele momento e que, no momento seguinte, já pode ser outra coisa, um pouco mais. Por isso as crianças gostam tanto de ouvir a mesma história inúmeras vezes. O livro é um facilitador também para o adulto.

O contato com os livros

Os livros apresentam formas variadas: são grandes, pequenos, ilustrados ou não; romances, poesias, ficção. Abordam temas como amizade, medo, crescimento, separação, sexualidade, outros hábitos e crenças, morte, família, amor, rejeição, adoção, diferenças e singularidades.

A leitura e o contato com os livros estimulam as crianças e os adolescentes a falar das histórias lidas e das histórias vividas: ampliam seu repertório verbal, auxiliam no processo de alfabetização e escolarização, propiciam conforto ao descobrir que outros também vivem determinadas situações, têm medos e desejos dos quais se envergonham.

Falar sobre as angústias, alegrias, raivas, dúvidas e desconfianças vividas e despertadas pelos personagens dos livros alivia o estranhamento em relação a si mesmos, suas ideias e sentimentos. Os desejos e afetos que as crianças e adolescentes possuem e muitas vezes não entendem, não conhecem ou têm receio de conhecer podem ser percebidos, reconhecidos e nomeados a partir da leitura (ou escuta) de um livro. Assim, ouvir e ler histórias mobiliza suas lembranças, permitindo-lhes encontrar um sentido para muitas de suas experiências.

E, então, é possível para a criança e o adolescente começar ou continuar a construir sua própria narrativa, uma história pessoal que deixa de ser um conjunto de fragmentos de memória e passa a ter nexos, sentido e, ao mesmo tempo, revela uma organização do seu mundo interno. **Reconhecer-se como sujeito da própria história – pessoal e única – fortalece sua identidade** e lhe permite pensar e desejar outros futuros possíveis.

“Às vezes eles se identificam com as histórias dos livros, histórias que eles gostariam que fossem as deles. Tudo isso mexe com a imaginação e com o cotidiano deles. Tem livros que ensinam a lidar com a perda, tem livros que ensinam como cuidar do corpo, tem livros que ensinam como voar na imaginação. Isso ajudou porque a realidade deles era tão concreta que não permitia ultrapassar a barreira da realidade. Então eles começaram a fantasiar as coisas, e isso foi muito bacana. A imaginação é importantíssima e, através dos livros, eles conseguiram trabalhar as próprias histórias internas e hoje eu os vejo como crianças independentes e maduras para a idade”. Joana, educadora do abrigo. 🌱



Para saber mais

- *Amor, ódio e separação.* Mannoni, M. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- *Brincar, conhecer, ensinar.* Sanny S. R. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- *Fadas no divã.* Corso, D. L.; Corso, M. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil.* Meirelles, R. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- *O brincar e a realidade.* Winnocott, D. W. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

Para as crianças

- *A verdadeira história dos três porquinhos.* Scieszka, J. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- *O ponto.* Reynolds, P. São Paulo: Martins Fontes, 2005.





PONTOS IMPORTANTES

1

A brincadeira é uma atividade espontânea, sem objetivos específicos, necessária e fundamental para o desenvolvimento físico e emocional das crianças.

2

Na brincadeira, a criança pode manipular e colorir fenômenos externos de acordo com suas fantasias, dominar suas angústias e controlar suas ideias assustadoras na medida em que pode expressá-las.

3

Para crianças e adolescentes, o mundo interno e imaginário, como o das histórias contadas ou lidas nos livros, é tão real e importante quanto o mundo externo.

4

Ouvir e ler histórias mobiliza as lembranças das crianças e dos adolescentes, permitindo-lhes encontrar um sentido para muitas de suas experiências.



capítulo 6

O PASSADO INVADE O PRESENTE

Em um dos encontros de outubro de 2006, Valentina perguntou a Martim se poderia convidar seu irmão mais velho, Peter, na época com 10 anos, para participar do encontro, a fim de relatar o que sabia sobre a vida deles fora do abrigo. Martim aceitou a proposta e Peter contou que eles moravam com os pais e os irmãos e tinha um carinho muito especial pela avó materna, que cuidava dele enquanto a mãe ia trabalhar. Contou também que ele adorava brincar na terra, chorava muito e tomava mamadeira o dia inteiro. Durante o relato do irmão, Martim brincou de massinha, parecendo não dar muita atenção a toda a falação. Peter disse também que está muito ansioso para conhecer Victor.

Quando o irmão saiu da sala, Martim, em uma reação explosiva, espalhou pelo chão tudo o que viu pela frente: os livros da estante, os materiais gráficos, o álbum. Furioso, disse à Valentina que cortaria sua língua com tesoura para que ela parasse de falar. Ela disse que sabia o quanto era difícil escutar o que havia sido dito. Em meio à bagunça, Martim convidou a colaboradora para brincar e, assim que se acalmou, propôs-se a ajudar a arrumar a sala.

Martim, então, viu o padrinho através da janela e saiu em disparada para encontrá-lo. Seu Crispim estava lá para avisá-lo de que não poderia levá-lo para casa no final de semana seguinte. Martim ficou muito zangado e pediu que Valentina o acompanhasse em um passeio fora do abrigo. Durante o passeio, ele lhe mostrou a casa da bruxa, lugar de que “morre de medo” de se aproximar. Em seguida, perguntou para a colaboradora: “Quando meu pai vem me buscar no abrigo? Onde minha mãe mora? Por que meu irmão mais novo não está comigo?”

Nessa época, Martim começou a falar mais da relação mãe e filho, principalmente através dos livros. Adorava *Bililico*, livro de Eva Furnari que conta uma história de separação e reencontro de mãe e filho. Solicitou à Valentina que conseguisse uma foto de sua mãe para colocar no álbum. Porém, quando Valentina trouxe as fotos da família, furiosamente ele perguntou: “Quem deixou você falar com a técnica do abrigo?”. Em seguida, amassou as fotos dizendo que as odiou. A colaboradora guardou-as em um local seguro e disse para Martim que lhe pedisse quando quisesse vê-las.

Martim começou sua bagunça. Pegou uma prancha de isopor, desfazendo-a em pequenos pedaços e cobrindo a colaboradora de “neve”. Depois, pegou um pedaço grande de isopor e bateu forte na testa dela. Valentina lembrou as regras do encontro: nenhum dos dois podia se machucar. Martim voltou a jogar “neve” em cima dela cobrindo-a por inteiro. Ele pediu para sair da sala antes do término do encontro e, ao passar pela porta, disse: “Pode colar as fotos no meu álbum quando você estiver na sua casa”. Em dezembro de 2006, quando recebeu a notícia das férias de Valentina, Martim ficou de cara amarrada. Falou que o bicho iria matá-la quando ela fosse embora, que a luz acabaria e que ela ficaria presa dentro do abrigo. Tentando outra tática, também disse que iria entrar em sua bolsa para ir embora com ela. Ao expressar sua angústia diante da separação, com medo de que a colaboradora não voltasse mais, Martim começou a planejar com ela as atividades de encerramento, contando como gostaria de aproveitar seu espaço até que as férias chegassem.

Assim que as férias acabaram e que os encontros recomeçaram, Martim pediu para rever todo o seu álbum de fotos. Gostava de lembrar as atividades feitas com Valentina e pediu para repetir muitas delas. Soube identificar corretamente os irmãos nas fotos e pulou a página feita pela colaboradora em sua casa, onde estava toda a família. Depois, fez uma pintura que representava fogo e outra que representava água, e disse: “Fogo dá medo, então vou apagar com água”. Após dizer isso, Martim juntou uma pintura à outra.

Como de costume, ele pediu ajuda para desenhar carros dizendo ser incapaz de fazê-los sozinho. A colaboradora insistiu para que ele tentasse e ele, então, pediu que ela o ensinasse a usar a régua. Depois da explicação, a régua passou a dar segurança ao garoto que, mesmo sem utilizá-la, precisava segurá-la para conseguir desenhar. Ele desenhou muitos automóveis e comentou sobre o carro do padrinho, grande e forte, e o carro de Valentina, “pequeninho”. Mais adiante, Martim resolveu enfeitar com purpurina a página onde estão as fotos da família. **Fez também um grande carro em seu álbum e colocou nele os nomes das pessoas queridas:** os irmãos, os educadores, a colaboradora, os padrinhos, os filhos dos padrinhos e os cachorros dos padrinhos. Quando a colaboradora escreveu o nome do padrinho e de seu filho mais velho citados por Martim, ele disse: “Escreve maior, bem grandão”. Os desenhos, que até então eram apenas manchas e borrões, começavam a ter limites e contornos claros.

Antes, quando brincava de casinha, Martim sempre escolhia o papel do pai, decidia o que a colaboradora-filha deveria fazer e era muito mandão. Depois, passou a querer ser o filho e demonstrava amor ao querer ficar junto da colaboradora-mãe, e ódio, quando matava a personagem. Por meio das brincadeiras, Martim tem espaço para expressar seus pensamentos e sentimentos e organizá-los melhor.

Com a aproximação do término do projeto, a colaboradora fez um calendário para Martim com o objetivo de orientá-lo quanto ao final dos encontros.

Quando ele entendeu o funcionamento do calendário, pediu a ela que o visitasse toda semana depois que o projeto terminasse. Valentina disse que os contatos diminuiriam, mas que as visitas continuariam de vez em quando. Martim ficou bravo com a resposta e falou: “Não, um montão de vezes”. Nesse momento, ela disse que sabia como era difícil terminar os encontros, já que ele gostava muito das atividades e dela, mas enfatizou que haveria um fim. Além disso, explicou que o término do projeto não significaria uma perda total, pois ele havia construído um álbum de fotos e relatos para poder recordar os momentos importantes da vida dele, inclusive os vividos com ela.

Martim, então, a chamou para jogar bolinhas de gude. Num primeiro momento, seu jogo estava muito caótico e desorganizado. No entanto, à medida que fazia perguntas sobre o término do projeto – se a colaboradora continuaria fazendo atividades somente com uma criança da casa, se ela se lembraria dele – e recebia as respostas, seu jogo foi ficando mais ordenado.

Ao final do projeto, Martim mostrou-se capaz de reconstruir sua história utilizando-se do mesmo recurso com o qual foi capaz de iniciar seu contato com ela: inventa a “História do Leão”, em que Martim contou à sua maneira, com personagens e contextos diferentes, sua história de vida, a passagem para o abrigo e suas perspectivas futuras. Essa história surgiu em uma brincadeira com bonequinhos de massinha colocados em uma cena familiar. Na trama, o filho, após fazer muita bagunça e bater na mãe, foi levado pela polícia para morar longe de casa. Valentina percebeu a necessidade de intervir nesse momento e informar a Martim que ele não era o responsável pelo abrigo. Mais uma vez, ela contou o que havia determinado a separação da família. Martim ouviu a explicação com certo alívio e chegou à conclusão de que “é um leão”. **Valentina concordou, dizendo que ele era muito forte e corajoso, e propôs que os dois resgassem juntos a história deste personagem.**



Nesse resgate, diferentemente da primeira criação, na qual dizia que sua mãe era a Tia Neves, Martim incluiu a versão real da história. Falou sobre um leão que havia sido separado dos pais e que, por isso, tinha que criá-los no coração para que pudesse se lembrar deles e suportar a sua falta. Na história, o leão torcia muito para que os pais melhorassem e ele pudesse voltar para casa.

Um pouco antes da despedida final, brincando de mamãe e filhinho, Martim-filho, de forma bastante autoritária, exigiu que a colaboradora-mãe se deitasse no chão e ele sentou-se sobre a barriga dela, para que ela não escapasse “nunca mais”.

À medida que a colaboradora conversava com Martim sobre seu desejo de estar próximo à mãe, ele foi se tornando aos poucos mais bebê e mais carinhoso. Mandou Valentina se sentar e encostou a cabeça no colo dela para ouvir sua respiração. Em seguida, construiu um ninho com os braços dela e deitou-se ouvindo uma canção de ninar. Por fim, desvencilhou-se de Valentina e se retirou da cena, como se estivesse nascendo novamente.

A autonomia de Martim, no final do processo, também ficou evidente através de suas exigências de fazer as páginas do álbum sem ajuda da colaboradora. Se antes ele dizia “Não sei, me ajuda”, agora afirmava: “Deixa que eu faço”. 🍀

texto para reflexão

REGISTRO DAS HISTÓRIAS

“*Memória em mão de gente logo vai tomando feição de história.*”
Regina Gulla, psicóloga e escritora.

No abrigo, quando pensamos em registro das histórias de vida, a primeira ideia que nos ocorre é o **prontuário**, documento individual que reúne dados sobre a biografia e percurso da criança e do adolescente, antes e no período de abrigamento, dentro e fora do abrigo³⁸. Nesse conjunto de dados, está a história da criança ou do adolescente e as perspectivas de encaminhamento do caso.

A finalidade do prontuário é fornecer, a qualquer momento, dados para os encaminhamentos necessários – saúde, educação – e subsidiar decisões da equipe do abrigo e/ou do Poder Judiciário. Por isso é preciso resgatar a história da crian-

³⁸ Nele constam: dados pessoais, com data e local de nascimento, nome dos pais, constelação familiar, escolaridade, endereço de origem; data e motivo do abrigamento; histórico pessoal com detalhamento dos acontecimentos anteriores relacionados ao abrigamento. Em relação ao período de



ça e mantê-la atualizada. Outra finalidade importante é garantir a continuidade do atendimento à criança ou ao adolescente considerando possíveis mudanças na equipe de trabalhadores do abrigo e transferências de abrigo.

A construção de um bom prontuário, com informações consistentes sobre as crianças e aos adolescentes, implica a coleta de informações anteriores ao abrigo junto à família ou responsáveis (quando possível) e ao Fórum no qual o processo está alocado. Para atingir sua finalidade, deve haver um procedimento no abrigo de atualização constante dos dados que vão revelando, também, **a história que está se construindo no presente, durante a permanência no abrigo:** fatos marcantes (no abrigo e fora dele), conquistas e dificuldades (a necessidade de professor particular ou de atendimento fonoaudiológico), desenvolvimento físico (a primeira menstruação) e psíquico de cada um (a aquisição da linguagem, a autonomia ou as dificuldades em relação ao grupo de irmãos) e acontecimentos relativos à família: suspensão do poder familiar, sua restituição ou destituição, visitas domiciliares.

Ou seja, um bom prontuário fornece informações necessárias para se compreender a conduta da criança ou do adolescente no presente. Nesse sentido, é um documento de referência e útil para todos os trabalhadores do abrigo. Porém, com frequência, os educadores não têm acesso a ele (leia box na página seguinte).

“Às vezes eles perguntavam coisas para a gente e a gente não sabia responder; e quando a gente sabia a resposta, não era autorizado a passar aquela informação, passar o que eles queriam saber sobre a família”. Dália, educadora do abrigo.

abrigo, os dados referem-se ao padrão de relacionamento com os familiares, relatos das visitas que recebe, das visitas domiciliares, atividades que frequenta, acompanhamento da saúde, aspectos relevantes do desenvolvimento. Constam ainda no prontuário os ofícios da Vara da Infância e Juventude e outros dados do processo, como solicitações dos familiares, relatórios da equipe técnica do Fórum, relatórios encaminhados pela equipe ou responsável pelo abrigo relativo ao caso.

O LIVRE ACESSO AOS PRONTUÁRIOS

- ▶ A prática de negar aos educadores do abrigo o acesso ao prontuário das crianças e dos adolescentes precisa ser repensada. Ao conhecer a história de cada um, inclusive de seus prontuários e processos, o abrigo propicia um trabalho mais adequado, considerando a delicadeza das memórias e sentimentos ali implicados. A conduta de uma criança ou de um adolescente pode ser, por vezes, enigmática (por exemplo, a masturbação excessiva), e o conhecimento de dados de sua história auxilia a decodificá-la e, portanto, a descobrir o manejo mais adequado. Isso também implicará um trabalho de reflexão e formação de toda a equipe de funcionários do abrigo acerca dos conceitos e preconceitos sobre a temática do abandono e suas determinações sobre as famílias. Além disso, é necessário que se institua uma postura ética no trato e uso dos dados.
- ▶ Essa é uma questão absolutamente relevante que os abrigos precisam equacionar se pretendem, no cotidiano, oferecer um ambiente educacional e terapêutico para as crianças e os adolescentes. Não contar aos educadores sobre as histórias das crianças e dos adolescentes alegando “mau uso” das informações retira a possibilidade de eles intervirem junto aos abrigados de maneira mais consistente e consciente.

O caderno de plantão

Outro tipo de registro é aquele que se refere ao cotidiano da casa, do grupo ou de uma criança ou adolescente, em particular. É chamado em muitos abrigos de caderno de plantão. Ele é bastante útil para garantir a continuidade do trabalho na troca de plantões, nas folgas dos funcionários, nos fins de semana. Sua função é garantir a estabilidade e a organização do ambiente, que os procedimentos – de saúde, por exemplo – não sofram interrupções e, particularmente, que as regras e as consequências de sua transgressão sejam comuns e não em função do plantão ou do educador mais rígido ou de outro que seja menos atento. Essas diferenças entre os plantões ou educadores criam, particularmente para as crianças mais novas, uma situação de insegurança. Por exemplo, em um plantão, a criança pode assistir TV e dormir na hora que quiser e, no outro, tem horário compatível com sua idade para dormir.

Esses registros do cotidiano se constituem em importante material para o trabalho de formação da equipe de trabalhadores. Uma boa leitura do caderno de plantão, na perspectiva de um diagnóstico institucional, fornece pistas para nuclear os pontos de conflito e de dificuldades da prática institucional, além de estabelecer novos acordos de trabalho.

Os relatórios

Outro documento que compõe os registros no abrigo é o relatório destinado ao Poder Judiciário. O relatório pode ser: de recepção da criança e do adolescente – em alguns casos, além de notificar a entrada da criança e do adolescente no abrigo, é importante informar o Poder Judiciário sobre as condições de saúde física e/ou mental da criança; de caráter informativo – sempre que algum acontecimento importante ocorrer, por exemplo, quando uma família desaparecida volta a visitar o filho ou quando o adolescente faz saídas prolongadas e desconhecidas da equipe da casa ou necessita de alguma intervenção médica mais séria; e de finalização do caso – a transferência de abrigo, o retorno da criança e do adolescente para a família ou a adoção implicam um relatório mais detalhado sobre aspectos objetivos do período de permanência da criança e do adolescente no abrigo e seu processo de desenvolvimento.

Esses relatórios, que podem ser elaborados por solicitação do Poder Judiciário e/ou por iniciativa do abrigo, propiciam uma relação de cooperação com a equipe técnica do Fórum responsável pelo processo, o que pode facilitar possíveis encaminhamentos no trabalho junto à família.

Documentação opcional

Além desses instrumentos necessários e documentais – prontuário, caderno de plantão, relatórios – pode haver, também, outras formas de registro: cadernos individuais (o diário do adolescente), caderno de visitas familiares, caderno de atividades dirigidas, caderno de medicação, entre outros.

A realização desses registros por parte dos adultos é extremamente importante, pois constitui um momento para a fim de refletir sobre a própria prática e sobre os acontecimentos do dia a dia, avaliar as rotinas, a execução do projeto do abrigo e as facilidades e dificuldades do grupo. Esse é um momento privilegiado para se distanciar do dia a dia e refletir sobre cada criança e adolescente de modo individualizado; **pensar naquilo que é próprio de cada um, evitando observar o grupo como se fosse um todo homogêneo**. Além disso, o registro auxilia, também, na documentação e preservação da história da criança e do adolescente e, em seu conjunto, vai contando também a história do abrigo.

Cada equipe de abrigo pode descobrir a maneira mais produtiva, útil e criativa de elaborar essa documentação opcional; o mais importante é que sejam registros de qualidade, de circulação e disponíveis para consulta de todos que necessitam das informações para qualificar seu trabalho e, também, que auxiliem a contar as vivências da criança e do adolescente e, portanto, forneçam subsídios para construir o **Plano Personalizado de Atendimento**³⁹ de cada um deles.

Memória e registro

Ainda cabe uma pergunta: existem outras formas de registrar a história de vida das crianças e adolescentes? É possível a participação ativa da criança e do adolescente nesse registro?

O registro de uma história de vida revela a concepção de que a pessoa – personagem da história – é importante o suficiente para que se fale ou escreva algo sobre ela. Uma das formas de concretizar de lhe demonstrar seu valor é dar-lhe um lugar de destaque mediante a construção de sua biografia⁴⁰.

Assim como a construção de uma biografia materializa o valor atribuído a um sujeito e à sua história singular, a realização de autobiografias convoca o sujeito a se situar diante da própria história por meio de um contar-se e recontar-se que produz efeitos reflexivos (John, 2006).

A construção, com a criança ou o adolescente, de um álbum com relatos de suas vivências, por meio de escritos, fotos, desenhos ou outros materiais gráficos, é uma alternativa para “juntar” os fragmentos da memória. **Possibilita que eles se apropriem da história pessoal** – que os situam em um ou mais grupos de pertencimento, suas matrizes de identidade – e, portanto, constrói sentido para as experiências do passado e do presente.

³⁹ Plano Personalizado de Atendimento (PPA): refere-se a um projeto particular de atendimento, construído para cada uma das crianças e dos adolescentes com base nas informações diagnósticas especializadas dos aspectos sociais, psicológicos, médicos e outros.

⁴⁰ O Museu da Pessoa considera que:

* toda história de vida tem valor e deve fazer parte da memória social;

* ouvir o outro é essencial para respeitá-lo e compreendê-lo como par;

* no protagonismo histórico, todas as pessoas têm um papel como agente de transformação da História. Democratizar e ampliar a participação dos indivíduos na construção da memória social é atuar na percepção que os indivíduos e os grupos têm de si mesmos e de sua situação.

* Integrar indivíduos e distintos grupos sociais por meio da produção e do conhecimento e suas experiências é atuar para romper o isolamento de alguns grupos sociais e impulsionar processos de empoderamento fundamentais para mudar relações sociais, políticas e econômicas.

“Os pequenos não lembravam da família e o Projeto Fazendo Minha História ajudou-os a criar uma memória, a ter lembranças. Muita coisa ficou registrada e agora tem como eles voltarem atrás e verem que a vida deles está lá no álbum”. Fátima, educadora do abrigo.

A importância do registro nas idades precoces e mesmo na adolescência se justifica porque na idade adulta é comum não haver memória de muitos acontecimentos da infância, mesmo aqueles significativos. Por isso, o registro permite documentar situações que se perderiam no tempo. No abrigo, esse trabalho é evidentemente importante porque aquela educadora que cuidou da criança quando era bebê e ouviu suas primeiras palavras, sabia que ela adorava “papinha de cenoura” e a ajudou em seus primeiros passos já não trabalha lá e é difícil recuperar seu contato para que ela conte isso.

O adulto que realiza essa atividade com a criança ou o adolescente precisa estar convencido de que contar e registrar a história pessoal – o conjunto de elementos eleitos como significativos para serem registrados – auxilia a revelar sua identidade, seu jeito de ser e estar no mundo e pode fornecer dados úteis para o futuro. Ele exerce uma função que implica intimidade e um vínculo significativo que existe ou pode ser construído nas atividades. As lembranças de cada criança e adolescente, seus fragmentos de memória, são investimentos de afeto e, portanto, de fatos associados com pessoas, lugares, sensações e sentimentos que podem causar bem ou mal-estar e reações muito diversas. A relação afetiva (ou a disponibilidade para ela) do adulto com a criança ou o adolescente é a condição para que surja uma boa comunicação que abra espaço para a expressão dessas lembranças.

“Acho que agora eles falam mais sobre a história, porque foram conhecendo a gente e pegando confiança. Com as pessoas que eles têm mais apego, mais vínculo, eles se soltam mais e conversam mais”. Dália, educadora do abrigo.

Dando nome aos sentimentos

Além de o adulto ser acolhedor, com disponibilidade para escutar e compreender a linguagem da criança ou a do adolescente, é necessário um ambiente acolhedor, que se estenda para além do espaço físico onde ocorre a atividade de confecção do



álbum. No caso do abrigo, é importante que haja espaço para que os conteúdos que emergem nessa atividade também possam aparecer e ser acolhidos no cotidiano transformando criativamente o que foi vivido.

O papel do adulto é relevante, pois, à medida que percebe a dificuldade da criança ou do adolescente em abordar um fato, em nomear um sentimento ou na atribuição de significado a uma situação experimentada, deve oferecer uma ou mais possibilidades de representação para suas experiências. A verbalização do fato, sua nomeação, auxilia-o a compreender seu mundo e a conhecer a si mesmo, um aspecto importante da identidade.

A nomeação das vivências não é uma tarefa mecânica, neutra e imparcial. Para nomear, é preciso compartilhar os sentimentos, é preciso estar sintonizado com as alegrias e os sofrimentos da criança ou do adolescente, com o seu ritmo, com aquilo que pode suportar. E, principalmente, esse adulto precisa estar disponível para ser “usado” como possibilidade de projeção para o sofrimento ou as alegrias das crianças e dos adolescentes. **Ser objeto de projeção dos conteúdos implica poder suportar os ataques ou o excesso de apego da criança e do adolescente**, poder discriminar o que está ocorrendo (ou seja, que aquelas condutas não se referem ao educador, embora dirigidas a ele) e compreender que isso propicia alívio para a criança e para o adolescente.

“O Fazendo Minha História liberou eles para uma explosão de sentimentos, eles ficaram sem medo de sofrer, de chorar, de ficar com raiva, sem receio de dizer ‘não quero’ e de explicar os motivos de suas decisões. Confiaram mais que podiam liberar os sentimentos, melhoraram muito a leitura e a escrita”. Joana, educadora do abrigo.



Receber a projeção positiva costuma ser mais fácil do que receber a projeção negativa, ou seja, “ser vista” como a mãe boa é menos perturbador do que como a mãe má que abandona. Contudo, para a criança e para o adolescente é muito importante que o adulto possa estar disponível para ambas as situações.

O registro da história de vida não é um evento a ser realizado em uma única ocasião ou atividade. Ele é um processo que faz ou pode vir a fazer parte do dia a dia da instituição. No caso do abrigo, o registro não se restringe ao motivo de seu abrigo. A história da criança ou do adolescente inclui esse evento significativo em sua vida, mas sua história começou mesmo antes de ele nascer e continua a ser construída no presente.

Re-contando a própria história

Construir esse álbum de lembranças ou caderno de recordações significa mais que a compilação de fatos – essa é a característica do prontuário – e não se restringe ao conhecimento intelectual deles, já que se refere ao processo de apropriação, integração e criação de novos significados para a própria existência, em que os aspectos intelectuais e afetivos estão integrados.

As formas de fazer o registro das histórias variam bastante de acordo com o modo de ser da criança ou do adolescente, com a ansiedade que o contato com a história mobiliza e com a idade, já que é apenas gradativamente que se adquire e se amplia o domínio da linguagem verbal.

Ao falar sobre si mesmo, é possível utilizar fatos reais e fictícios sem um discernimento claro entre eles. Nesse sentido, um recurso que pode ser usado, principalmente com crianças pequenas, que se expressam essencialmente através da linguagem lúdica, é contar sua história de vida – seus conflitos e angústias organizados em uma narrativa com começo, meio e fim – por meio da ficção, com personagens e contextos distanciados.

As crianças têm capacidade de utilizar essas histórias – indiretas e menos invasivas – e a própria imaginação como meio de elaborar suas vivências e ir se apropriando aos poucos daquilo que é possível para elas. Essa estratégia é uma alternativa para que suas ansiedades se transformem em sentimentos toleráveis e possam começar a lidar com eventos de sua biografia. Por isso, com frequência, se elas estão prontas para assimilar e **integrar o conteúdo de sua própria história**, depois de ouvir a história-ficção, à história do livro, elas mesmas dizem: “Você está falando de mim, né?” (Safra, 2005, p. 51).


Uma preocupação que pode emergir com essa estratégia – de contar a história da criança por meio da ficção – é a de não conseguir fazer com que ela entre em contato com o que realmente aconteceu, com os fatos propriamente ditos. Mas sabemos que a criança pode entrar aos poucos em contato com sua história, de acordo com sua possibilidade de compreensão, adquirindo desta forma recursos para poder compreendê-la, viver melhor e se preparar para o seu futuro, uma trajetória única. 🌱



Para saber mais

- *A ressignificação da história de vida: temporalidade e narrativa no percurso da análise.* John, D. Doutorado em Psicologia Clínica. São Paulo: PUC-SP, 2006.
- *Curando com as histórias.* Safra, G. São Paulo: Edições Sobornost, 2005.
- *Guia de ação para abrigos e colaboradores:* <www.fazendohistoria.org.br>.
- *História falada: memória, rede e mudança social.* Vários autores. São Paulo: SESC-SP, Museu da Pessoa e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- *Memória e identidade social.* Pollak, M. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992.
- *Winnicott na clínica e na instituição.* Sanches, R. M. (Org). São Paulo: Escuta, 2005.

Para as crianças

- *A pele dos livros.* Gulla, R. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2006.
 - *Então você chegou e a família ficou completa.* Hildebrandt, A. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.
 - *Guilherme Augusto Araújo Fernandes.* Fox, M. São Paulo: Brinque Book, 1995.
 - *Patrícia.* King, S. M. São Paulo: Brinque Book, 1997.
- 



PONTOS IMPORTANTES

1

A construção de um bom prontuário, com informações consistentes sobre as crianças e os adolescentes, implica a coleta de informações anteriores ao abrigamento junto à família ou responsáveis e ao Fórum.

2

A realização do registro da própria história convoca o sujeito a se situar diante dela, através de um “contar-se” e “recontar-se” que produz efeitos reflexivos.

3

O registro da história de vida não é um evento a ser realizado em uma única ocasião ou atividade. Ele é um processo que faz ou pode vir a fazer parte do dia a dia da instituição.

4

Ser objeto de projeção dos conteúdos implica poder suportar os ataques ou o excesso de apego da criança e do adolescente.

5

A criança ou o adolescente que entra aos poucos em contato com sua história, de acordo com sua possibilidade, adquire recursos para poder compreendê-la.



34

capítulo 7

CAMINHOS POSSÍVEIS

Chegou ao fim o processo de construção do álbum de Martim no Projeto Fazendo Minha História. Havia uma preocupação especial, pois ele estava bastante vinculado a Valentina. Era necessária uma despedida diferente da vivência de abandono que Martim havia sofrido quando tinha um ano de idade. Retirado do convívio familiar de forma brusca, não teve os esclarecimentos necessários que a situação exigia. Martim estava sofrendo bastante com a nova despedida, e tudo estava sendo explicado cuidadosamente. Agora, a dor dessa separação devia ser elaborada através dos recursos que ele mesmo mostrava ter desenvolvido ao longo do processo.

No último encontro, em junho de 2007, Valentina e Martim lancharam juntos e ele fez questão de que ela comesse somente o que ele escolhia e lhe entregava. Martim lembrou de muitas conversas que tiveram durante os encontros e de suas brincadeiras preferidas. Insistiu mais um pouco para que Valentina não encerrasse as atividades, mas em seguida já começou a negociar o número de visitas que ela lhe faria. Quando o padrinho chegou para buscá-lo, tranquilamente despediu-se de Valentina. Foi uma despedida bonita e emocionante. A presença do padrinho ajudou a fazer o corte da relação e marcou a separação.

As decisões sobre o encaminhamento do processo do grupo de oito irmãos estão nas mãos de profissionais – juiz, técnicos da Vara da Infância e Juventude e equipe técnica do abrigo – que devem levar em conta os desejos das crianças, os acontecimentos passados e presentes da família, os vínculos existentes entre os irmãos e as possibilidades reais de a família cuidar de seus membros.

As crianças mais velhas continuam mencionando o desejo de voltar para casa. Para eles, o abrigo é temporário. Estefany e Martim, os mais novos, não mencionam isso porque eram muito pequenos quando foram separados dos pais.

Depois de três anos no abrigo, as crianças não voltaram a ver a mãe, o pai, a avó, o avô e as tias, todos proibidos oficialmente de fazer visitas. No entanto, eles perguntam sempre sobre as crianças e com frequência conversam com uma das técnicas do abrigo, que os informa sobre as decisões judiciais e as alternativas possíveis, ao mesmo tempo em que leva notícias de casa para as crianças.

Para o juiz, o melhor encaminhamento para o caso é a destituição do poder familiar, já que houve indícios de abuso sexual da filha mais velha pelo pai e omissão da mãe em relação ao assunto. Com a destituição, as crianças são automaticamente encaminhadas para a adoção.

41 Nesse tempo, a equipe técnica do Fórum obteve os dados referentes às crianças e seus familiares através da equipe técnica do abrigo.

A equipe técnica do Fórum teve contato com as crianças e também com os familiares, realizando uma visita à casa dos pais durante esse período de três anos de abrigamento⁴¹. Ela reconhece o vínculo que as crianças têm com os familiares e entre elas, e se mostra contrária à possibilidade de destituição do poder familiar e ao encaminhamento para a adoção, já que existe um forte laço afetivo entre os irmãos, que querem permanecer juntos e reencontrar a família.

As técnicas do abrigo acreditam que as crianças devem ficar na instituição até a maioridade e que o trabalho com elas deve estar pautado na possibilidade de Magda assumir a guarda de seus irmãos assim que completar dezoito anos. No entanto, consideram que, quando isso ocorrer, há a possibilidade de que ela queira voltar para a casa dos pais e, nesse caso, pode encontrar um ambiente pouco propício para seu desenvolvimento e o dos irmãos.

Os pais recebem visitas periódicas das técnicas do abrigo, que os orientam em relação às determinações do processo, à importância de realizarem acompanhamento psiquiátrico e psicológico, aos cuidados com Victor e às atitudes para conseguirem reaver a guarda, ou pelo menos para obterem autorização para as visitas. Porém, apesar das orientações, eles não buscam ajuda de nenhum tipo de trabalho que envolva a superação dos motivos que levaram ao abrigamento das crianças ou que possibilite a mudança na dinâmica familiar.

Madalena e Adônis demonstram vontade de ver os filhos, mas vivem atualmente dificuldades semelhantes às daquela época. Ela continua sendo agredida e humilhada pelo marido e, muitas vezes, esconde dos familiares os hematomas e episódios de violência doméstica. Madalena acredita que Adônis a trai com outras mulheres, que usa drogas e não confia nele a ponto de deixar Victor aos seus cuidados. Costuma fazer refeições e lavar roupa na casa de sua mãe e, geralmente, prepara uma marmita para o marido.

Adônis é mais assíduo do que a mulher às idas ao Fórum e frequentemente solicita notícias das crianças. Ele costuma dizer que só irá trabalhar e assumir responsabilidades quando conseguir seus filhos de volta, mas por enquanto não arca com as despesas nem toma conta do filho que está sob sua guarda. Nas poucas vezes em que cuidou de Victor, cobrou dinheiro de Madalena pelo serviço prestado. Agora, sempre que precisa sair ou trabalhar, Madalena deixa o filho com sua mãe.

Os avós maternos são aposentados, vivem com dificuldades financeiras e fazem bicos para aumentar a renda da família. Ajudam Madalena sempre que possível. Mostram-se bastante ressentidos pelo abrigamento dos netos e por não serem autorizados judicialmente a visitá-los. Matilde e Agenor, assim como as tias maternas das crianças, são contrários ao relacionamento de Madalena com Adônis e costumam dizer que “ele não vale nada.”

A história pode se repetir com Victor... 🍀

DATA:
03/05/04

O QUE EU VOU
SER QUANDO
EU CRESCER?

"VOU SER PINTOR DE QUADROS. VOU VENDER
MEUS QUADROS PARA AS PESSOAS. VOU CASAR E
VOU TER NOVE FILHOS" **FIM DA TORA.**



"VOU-SER-PINTOR-DE-QUADROS. VOU-VENDER
MEUS QUADROS PARA AS PESSOAS. VOU CASAR E
VOU TER NOVE FILHOS." **FIM DA TORA.**

FILHO

O [redacted]
QUER EMPINAR
PIPA

[redacted]
QUER SER PINTORA



texto para reflexão

E O FUTURO?

“*O futuro não é um lugar para onde estamos indo, mas um lugar que estamos criando. O caminho para ele não é encontrado, mas construído e o ato de fazê-lo muda tanto o realizador quanto o destino.*”

Antoine de Saint-Exupéry, escritor francês.

O abrigo é um lugar temporário. Mesmo que demore anos, o dia da partida chegará. Preparar a criança e o adolescente para a saída é trabalhar com essa perspectiva desde o momento de sua chegada, é dar importância para o tempo que ela vive no abrigo e que deve constituir-se em uma experiência significativa.

No cotidiano do abrigo, sempre chega um dia em que uma das crianças ou dos adolescentes, um grupo de irmãos⁴² ou um dos funcionários vai embora. Esse é um momento que merece atenção, é a hora da despedida. **Novamente, a separação.** É um acontecimento que recupera lembranças do passado e antecipa uma situação que todos irão viver.

Esse momento pode ou não ser vivido pela criança e pelo adolescente como a repetição do abandono. Mais uma vez a palavra surge como a possibilidade de construir junto à criança e aos adolescentes significados sobre a separação, a despedida. **É preciso falar sobre esse momento, preparar a criança e o adolescente e ritualizar a despedida,** para que entendam que a separação faz parte da vida e não implica necessariamente abandono. Isso é importante tanto para os que vão quanto para os que ficam.

“Acho que daqui uns anos vou estar ainda aqui, mas queria estar em casa”.

Denis – 10 anos.

Quando ocorre a volta para a família de origem, é necessário garantir que as condições que determinaram o abrigamento foram superadas, pois é possível que a situação, que fora considerada inadequada para a permanência da criança e do adolescente na família, tenha se mantido inalterada durante o período de separação, particularmente se não houve um trabalho de atendimento a essa família.

Nesses casos em que o retorno para a família não é a melhor alternativa de futuro, torna-se ainda mais desafiador preparar o adolescente para assumir sua própria vida. Ele precisa de outros grupos de pertencimento que sejam referências

⁴² As possibilidades de destino das crianças e dos adolescentes que vivem em abrigos são: o retorno à família de origem, a adoção ou a maioridade.

de apoio, proteção e intimidade para ele. Isso pode ocorrer na escola, em uma associação cultural, esportiva ou religiosa. Nesse sentido, fica evidente a importância da articulação do abrigo com sua comunidade.

“A gente aqui se esforça para que eles estejam preparados para o futuro, mas o futuro não depende só da gente, depende dos pais, do juiz, das técnicas, depende de tanta gente, até deles mesmos”. Fátima, educadora do abrigo.

Como auxiliar a construir um projeto de futuro que garanta os interesses reais das crianças e dos adolescentes, ou seja, aqueles interesses que assegurem seus direitos? Como garantir que essas crianças e adolescentes possam participar efetivamente da escolha de seus destinos como pessoas e cidadãos? O que ainda será necessário abordar e trabalhar para que desejem uma vida boa?

O trabalho do abrigo deve possibilitar às crianças e aos adolescentes o enfrentamento de suas dificuldades. Elas devem encontrar ali um ambiente protetor e estável, que lhes dê segurança, sentimento construído em relações baseadas na confiança, no diálogo e no respeito. Devem encontrar apoio para **resgatar e olhar para suas histórias por mais dolorosas que lhe possam parecer**, pois é a partir delas e do que vivem no presente que irão desenhar um futuro em que seja possível sua realização como pessoa e cidadão.

Isso é facilitado pelas ações de adultos preparados que acreditem na singularidade e no potencial de cada criança e adolescente, e trabalhem fazendo-os compreender a própria história e favorecendo o desenvolvimento do sentimento de confiança neles próprios e a capacidade de eles persistirem, desejarem e projetarem o futuro.

O futuro é construído a partir do presente e do sentido que se quer dar para a própria vida. O futuro como destino social e pessoal pertence a cada um. É uma trajetória singular em que cada pessoa irá viver suas alegrias e tristezas. O presente, que daqui a pouco será passado, prepara-nos para esse futuro que, invariavelmente, chegará tornando-se presente.

Antecipar o futuro é ter a capacidade de sonhar e acreditar, é ter esperança e fazer projeções para a vida, o que é possível quando o tempo futuro não se afigura como algo assustador. Frequentemente, surgem dúvidas: “Para onde eu vou? Com quem? Sozinho? Vou dar conta de mim? Com quem posso contar?”

Muitas vezes o adulto não tem respostas claras e objetivas, cabe a ele acolher essas angústias e oferecer condições para o futuro: escolarização, cidadania e participação na comunidade à qual a criança ou o adolescente irá pertencer.

Esses mesmos educadores sabem que só é possível – e já é bastante – dar às novas gerações bons instrumentos e insumos para essa trajetória que ela fará independentemente de sua tutela, nos muitos trânsitos possíveis em seu percurso pessoal.

“Ainda há belas jogadas a serem feitas”.
Anna Freud.





Para saber mais

- *A adolescência*. Calligaris, C. Publifolha, São Paulo, 2000.
- *História social da criança e da família*. Áries, P. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2006.
- *Quero voltar para casa: o trabalho em rede e a garantia do direito à convivência familiar e comunitária para crianças e adolescentes que vivem em abrigo*. Rita C. S. (Org.). São Paulo: AASPTJ-SP, 2007.
- *Questão social e a perda do poder familiar*. Fávero, E. T. São Paulo: Veras Editora, 2007.
- *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Assis, S. G.; Pesce, R. P.; Avanci, J. Q. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Para as crianças

- *Conta de novo a história da noite em que nasci* (Tell me again about the night I was born). Curtin, J. L. São Paulo: Salamandra, 2005.
- *Pequeno azul e pequeno amarelo*. Lionni, L. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2005.
- *Vira-lata*. King, S. M. São Paulo: Brinque-Book, 2005.





PONTOS IMPORTANTES

1

No cotidiano do abrigo, sempre chega um dia em que se vai embora. Esse é um momento que merece atenção, é a hora da despedida. Novamente, a separação.

2

É preciso falar sobre esse momento, preparar as crianças e os adolescentes e ritualizar a despedida, para que entendam que a separação faz parte da vida e não implica necessariamente abandono.

3

O trabalho do abrigo deve possibilitar às crianças e aos adolescentes o enfrentamento de suas dificuldades. Elas devem encontrar ali um ambiente protetor e estável que lhes dê segurança, sentimento construído por meio das relações baseadas na confiança, no diálogo e no respeito.



“TODA DOR PODE SER SUPORTADA SE SOBRE ELA PUDER SER CONTADA UMA HISTÓRIA”

Hannah Arendt

